

PRO INFERNO COM ISSO



MATHEUS PELETEIRO

PRO INFERNO COM ISSO

MATHEUS PELETEIRO

Título Original:
Pro Inferno Com Isso

Edição: Matheus Peleteiro
Fotografia de Capa: João Regis Novaes
Edição de Capa: Themis Lima
Revisão: Maria da Paixão
Formatação: Amanda Quaresma
ISBN: 978-85-67781-16-7

Índices para catálogo sistemático:
Peleteiro, Matheus. 1995 -
PRO INFERNO COM ISSO / MATHEUS PELETEIRO. 122 Páginas.
1. Literatura Brasileira. I. Contos.

1ª Edição, 2017. Impresso no Brasil.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada ou reproduzida em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, gravação etc. sem a permissão do detentor do copyright.

Dedicado às minhas tias Ivone Peleteiro, Maria da Paixão, Luzimeire, Joelma e Deise Rocha.

“Encha seus olhos de admiração”, dizia ele, “viva como se fosse cair morto daqui a dez segundos. Veja o mundo. Ele é mais fantástico do que qualquer sonho que se possa produzir nas fábricas. Não peça garantias, não peça segurança, jamais houve semelhante animal. E se houvesse, seria parente do grande bicho-preguiça pendurado de cabeça para baixo numa árvore o dia inteiro, todos os dias, a vida inteira dormindo. Pro inferno com isso”, dizia ele, “balance a árvore e derrube o grande bicho-preguiça de bunda no chão.”

Ray Bradbury

Eu estava deitado na cama à noite e disse: "Eu vou desistir. Pro inferno com isso!". E outra voz em mim dizia: "Não desista. Salve uma pequena brasa... Uma faísca. E nunca dê essa faísca, pois enquanto você a tiver, sempre poderá começar uma chama maior."

Charles Bukowski

SUMÁRIO

- 11 | Prefácio
- 13 | Apresentação
- 16 | “Suave é a noite”
- 21 | Legiões urbanas de devoradores de literatura
- 27 | Mãos de poeta
- 30 | Pro inferno com isso
- 33 | Os dois irmãos
- 38 | O bastante
- 42 | Sem olhar *pra* trás
- 45 | A garota que não gostava de professoras de português
- 50 | Você também! (Interlúdio)
- 52 | Eu vou foder com você!
- 60 | Um desabafo
- 64 | Um encontro com o velho
- 69 | Opostos
- 73 | Amor de puta
- 78 | Recheado de culpa
- 80 | Uma puta cativante e um cafajeste romântico
- 85 | Toda a escuridão que via no sol
- 87 | Filosofia de bêbado
- 94 | E isso doía
- 99 | A vida é uma grande piada, Sérgio Sampaio!
- 107 | O suicídio de um poeta que não teve coragem de se matar
- 113 | A maldição
- 119 | O sonho de um homem que sente falta

PREFÁCIO

Eu tinha nascido e crescido no interior de Minas Gerais. Poderia ter seguido o mesmo roteiro pacato de muitos: trabalhar em uma indústria siderúrgica, casar, ter dois filhos e beber vendo futebol aos domingos esperando a morte chegar. Porém, por interferência do acaso, quando ainda era um adolescente punk e rebelde, achei um livro do escritor Ernest Hemingway, perdido entre traças e poeiras, na biblioteca do Centro Cultural Carlos Drummond de Andrade. Desde então descobri que esse era o tipo de literatura que eu queria ler e escrever. Por muito tempo fui em busca de autores contemporâneos que estivessem seguindo esse mesmo estilo. Lembro que em uma dessas pesquisas, achei no site *Sapiens Marginalis*, alguns poemas e contos de um autor que, até então, eu não conhecia. Seu nome era Matheus Peleteiro. Decidi que tinha que conhecer esse cara que era trágico e duro como Dostoiévski, mas fluido e sociológico como Bukowski e Camus. Depois de acompanhar diariamente seus poemas na página “Espirituoso e Trágico” e ter em minhas mãos esse livro de contos que o leitor também terá o prazer de descobrir, posso dizer que não cabe comparação entre Peleteiro e outro escritor marginal ou beat. O nosso contista é um jovem baiano transcrevendo sua imaginação caótica e realista do cotidiano em forma de prosa livre e original. Então, sente, peça uma cerveja e *PRO INFERNO COM ISSO!*

Joe Arthuso - Escritor

APRESENTAÇÃO

Pode-se ler o livro de Matheus como crônicas eficientes sobre a sensibilidade. Homens que choram em seus travesseiros nas noites de sábado. A conversa *linklateriana* entre um rapaz comum e uma prostituta encantadora. A compaixão acima da crítica. Louvável. Porém, há também o deboche invisível. Uma ironia fina por trás das histórias - muito brasileira, machadiana, modernista, onde Peleteiro (bom baiano que é), tira um sarro de tudo de maneira muito natural, com leveza e quebra de expectativas. Já começa assim, num trecho digno de Bashevis Singer: "*Sua satisfação viera da compreensão de que poucos homens conhecem a noite, assim como poucos homens conhecem a si, e esta descoberta lhe fora suficiente*". O rapaz que descobre o caminho do autoconhecimento e fica só com a sabedoria do caminho, sem percorrê-lo, pois, existe a vida atra-palhando, e o fardo (e a vontade) de conviver com as outras pessoas. Como as outras pessoas.

No conto seguinte, ele resolve rir da própria literatura. Mais pra frente ainda, tem o poeta que virou poeta só por causa da insônia. O artista que ficou envaidecido com o elogio de um expectador, mas era apenas prólogo para um desabafo chato sobre a vida - "*nada melhor do que um artista para isso, afinal, parecem sempre tão solitários, não é mesmo?*". Há uma mistura de homenagem e sarro na tentativa constante de trazer o sagrado para dentro de uma coloquialidade absurda. Algo como os deuses, os mestres e os cânones em meio à geração Facebook. Nada forçado, nada didático, talvez subliminar o suficiente para que tenha sido apenas uma impressão da minha leitura e não um objetivo específico do autor.

Mas está lá, basta notar, conto após conto. Na primeira frase de um, sabemos que o nome do personagem é Alberto e que este lhe foi dado por causa de Camus, informação que não tem tanta importância para o desenvolvimento da trama se você não se apegar aos detalhes, mas que casa de maneira deliciosa (e irônica) com a segunda informação sobre ele, que vem logo na sequência, na mesma linha, onde descobrimos que o personagem, Alberto, batizado em homenagem a Camus, está na fila de entrada para um show de *stand-up comedy*. A história desse conto, chamado A Maldição, começa com a terceira informação dessa frase, nela sim, o enredo básico se desenvolve, porém, antes disso, brevemente, Peleteiro construiu essa estrutura subliminar da qual venho falando neste prefácio.

Num dos melhores textos do livro, "Eu vou foder com você!", a quebra de expectativa, a ironia e o deboche fino ficam mais claros e, agora sim, didáticos, até. Começa com um relato triste o qual depois descobrimos ser a história de origem de uma vilã, temos a cena digna do bom terror (o sorriso no sexo) para logo após conhecermos seu *modus operandi* e acabarmos torcendo para ela, que é uma vilã feminista, vejam só. E, ao final, quando pensamos quase tristes "ok, era legal mas era errado e ela vai ter de pagar por isso", volta o deboche de novo, em cima dos homens, da condição humana, olé. Ainda que muitas vezes leve, este é um livro sobre o peso da realidade, sobre a desolação em cima do peso da realidade, doses home-opáticas ao fundo de cada história vão nos dando essa dica para que, ao final, no último conto, na última linha, tudo fique bem claro.

Bruno Bandido - Escritor

“SUAVE É A NOITE”

Benjamin se deitou mais uma vez, como sempre se deitara, porém, desta vez, não acordou. Nem dormiu, tampouco. Enquanto apenas a mente Benjamin exercitava, após passar o dia em repouso, seu corpo enérgico divergia dos seus olhos vidrados, que relutavam em se fecharem a todo custo.

Apagou as luzes, ligou o ar-condicionado numa noite já ventilada, e se enrolou com a manta mais aconche-gante que tinha. Contudo, tudo isso não fora suficiente para fazê-lo parar de se mover, inquietantemente, na sua cama. De um lado para o outro, Benjamin se remexia buscando uma posição que lhe proporcionasse o melhor caminho para a dormência. De vez em quando, pegava um livro, lia um trecho, um capítulo, ou qualquer coisa que lhe parecesse útil, e, ao final, lamentava mais uma vez pelo inconveniente de uma noite insone.

Após notar que nada favorecia a sua mente no ato de adormecer, levou as mãos à cabeça, e se preocupou com a possibilidade de ir à faculdade sem dormir. Matutando, imaginou que ostentaria desagradáveis olheiras, além de possivelmente se sentir aéreo e distante, devido ao cansaço intelectual que supostamente o seu sono causaria – letargia que certamente o acompanharia pelo resto da semana.

Assim as horas se passaram, duramente. Benjamin acompanhara o ponteiro rodar todo o relógio durante a noite inteira. Cada minuto parecia uma hora de tortura, cada hora parecia um dia completo, e ele estava prestes a surtar quando ouviu o som dos passarinhos cantando ao nascer do sol.

Praticamente chorando, cogitou jogar tudo para o ar e se manter na cama pelo resto do dia. Quem sabe assim conseguiria enfim ter o que seria a sua verdadeira noite de sono, durante o dia. Porém, antes que pudessem as lágrimas se reproduzir, a raiva tomou conta de Benjamin, que simplesmente disse a si mesmo: “dane-se isso tudo, serei um estudante zumbi, mas não vou me entregar à monotonia que os ciclos supõem”.

Entrou no banheiro, ligou o chuveiro no morno, e deixou que a água corresse enquanto mantinha o olhar focado na parede. Nunca numa manhã estivera tão lúcido. Vestiu a roupa de sempre, pegou a chave do carro, e quando o ligou, pôs um disco de rap no volume máximo e cantou até que chegasse ao seu destino.

Chegando à faculdade, deu bom-dia a todos os colegas, e até puxou papo com alguns deles, coisa que não costumava fazer numa hora tão precoce do dia. Estava sempre exausto do dia-a-dia comum, querendo somente um pouco de paz para tirar um cochilo nos intervalos e assim tentar reunir empenho para levar o resto do dia. Entretanto, naquele dia, se sentia diferente.

Assistiu à aula como se assistisse a um filme, e todos os assuntos fluíram de forma plena. Agora, Benjamin podia entender tudo muito melhor. Talvez a regulação do seu organismo finalmente tivesse sido encontrada. Talvez ele funcionasse mesmo na contramão. Sempre se sentira diferente.

Após uma proveitosa manhã de sonho, chegou em casa, ofuscou a claridade do dia com sua cortina de *blackout* e dormiu como um anjo, sem dificuldade alguma. Nem mesmo um ventilador lhe foi

necessário naquela tarde quente.

Quando acordou, já anoitecera. Pela primeira vez, despertara sem sentir sono. Toda sua energia gasta no dia havia sido repostada, e Benjamin estava pronto para novas atividades.

Olhou para o seu celular, e viu que recebera muitas mensagens durante a tarde, porém, poucas ao entardecer. Pôde responder as recebidas, e notar o silêncio logo após. Ninguém estava on-line. Abriu o livro de uma das aulas que tivera pela manhã, cuja matéria estava com o conteúdo atrasado há meses, e estudou sem parar por mais ou menos duas horas.

Depois, assistiu todas as séries que começara a acompanhar, mas perdera o hábito devido a rotina cheia que vivia, e até voltou a ler um romance do Thomas Pynchon, o qual comprara há alguns meses e tivera de parar a leitura por conta da falta de tempo.

O silêncio da noite lhe acalmava, e saber que todos os outros estavam dormindo lhe transmitia uma serena tranquilidade. “*Suave é a noite*”, finalmente tinha percebido o significado do que Fitzgerald já tentara avisá-lo.

Benjamin passou quase uma semana dessa maneira, realizado, com um rendimento intelectual incrivelmente extraordinário. Contudo, após alguns dias, consciente da sua diferença em relação a todos os outros, constatou que não podia viver assim.

Começou a ter aulas durante as tardes, consultas médicas, exames, compromissos com amigos, e logo deu um fim à sua vida de prodígio.

Por mais que fosse diferente, a vida requeria que fosse igual. Guardou aquela descoberta e aqueles momentos em sua consciência, e, mesmo lamentoso, foi mais feliz sabendo que a qualquer momento poderia voltar ao seu universo paralelo.

Sua satisfação viera da compreensão de que poucos homens conhecem a noite, assim como poucos homens conhecem a si, e esta descoberta lhe fora libertadora.

Desde então, Benjamin passou a viver o contrário da sua essência por pura compaixão à humanidade, que lhe era diferente. Ou, talvez, por medo de se isolar num mundo que só pertencesse a si próprio, o qual sempre fora para ele um temor comum.

A noite já era tão admirada, e agora passara a ser também o recurso que utilizava para se lembrar do quanto a vida é bela, quando tudo parecesse confuso.

Muitas pessoas costumam dizer que as noites são dos mortos e dos seus espíritos, mas a verdade é que as noites são mesmo dos vivos, e dos espíritos que os habitam também. A noite é o remédio dos que tendem a enlouquecer e dos que não entram na corrida. Ela pertence aos que sonham acordado, e é por isso que tantas pessoas dormem durante a madrugada.

LEGIÕES URBANAS DE DEVORADORES DE LITERATURA

Fazia alguns dias que eu parecia estar vivendo numa utopia bastante interessante, embora inverossímil. Seria mais um dia normal, se eu não notasse – confesso que um pouco assustado – que, as pessoas, de repente, tinham passado a respirar literatura, de modo que, cada uma delas, fazia agora parte de alguma legião peculiar, criada em torno de determinado escritor de renome. E, dentro dessas legiões, discutiam suas ideias, se opunham, e tentavam dar às suas linhas novos rumos.

Entrava nos bares e me deparava com montes de bêbados seguidores do velho safado, brigando, bebendo e sorrindo. Comemoravam a vida contentes por algo estar acontecendo.

Leitores de Hemingway se esmurravam frente às moças que passavam nas calçadas, com o único fim de provar quem tinha mais culhões, e as senhoritas, com certa elegância, aceleravam o passo para casa, ansiosas para se empanturrarem com os mistérios de Agatha Christie.

Numa manhã de domingo, quando fui à praia, acabei conhecendo uma mulher da legião da Anais Nim. Ela me concedeu o melhor sexo que já tive. Passei dias pensando nela como um admirador romântico das peças de Shakespeare, no entanto, depois descobri que ela também participava da legião de Simone de Beauvoir, e foi duro quando me disse que não pertencia a homem algum, o que, junto com o pedido para que não chorasse com a sua partida, foi demais para mim.

Passei dias lendo livros de Augusto Cury para me recompor, mas somente na legião do Herman Hesse que me disseram que, “para nascer, é preciso destruir o mundo”, e, foi assim que destruí tudo que vivera até então, e encontrei uma nova forma de seguir o meu caminho em busca da minha essência.

Dirigi por estradas vazias e interioranas, contem-plando a solidão, e senti vontade de morar num daqueles lugares, na companhia somente da natureza, assim como aqueles caras que diziam habitar grupos individuais do Thoreau. Porém, me perdi no caminho e me deparei com um bando de gente que, em volta de uma fogueira improvisada, lia com avidez textos de Thomas Wolfe, despertando em mim uma ânsia de buscar adrenalina a qualquer custo.

Me sentei com eles e ali terminei passando a noite. Na manhã seguinte, voltei para a cidade e fui ao shopping, na expectativa de assistir algum dos novos filmes produzi-dos pela legião de Philip Roth.

Na bilheteria, fãs de J.K Rowling lotavam as filas, e uma mulher lindíssima (embora tivesse o quadril um tanto para dentro), puxou conversa comigo, me contando sobre literatura fantástica, dentre outras coisas. Era da legião de Tolkien, e me disse que eu a lembrava Frodo, “só que mais fofo”.

Será que já estou me apaixonando de novo? Ques-tionei a mim mesmo. Será que essa minha paixão repen-tina por todas as mulheres que conheço é tão grande a ponto de me fazer sentir vontade de gritar para que todos saibam? Não. Não sou Gustavo Flávio, e até onde eu sei, a minha vida não é um romance de Rubem Fonseca, embora gostaria bastante, se fosse.

Com a bilheteria lotada, não consegui ingresso para acompanhá-la na sessão de J.K, e terminei trazendo para o peito mais uma frustração amorosa. Herman Hesse só fazia sentido para quem não sofria

por amor.

Sentei-me para jantar num restaurante, sozinho, e, logo após, sentou-se junto ao meu lugar, um rapaz que se dizia da tribo de Sartre, me perguntando o que achava da solidão. Talvez tenha pensado que eu estava ali sozinho por mera opção, e não por ter recebido dois foras de mulheres lindas.

Contei-lhe que me sentia bem, estivesse acompanhado ou não, pois já fora da legião de Bukowski, e guardara em mim a ideia de ser para si próprio sua melhor forma de entretenimento.

O rapaz se interessou pelo meu papo e chamou os seus amigos para juntarem as mesas. “Você não se importaria, não é mesmo? ”, “Claro que não”, respondi.

Era um bando de seguidores de Fitzgerald, e, com suas posturas pomposas, bebiam cervejas artesanais e discutiam questões fúteis com um ar de crítico *blasé*.

Meus ouvidos suportaram alguns minutos, porém, notando que não tinham a habilidade do Scott para narrar fatos triviais, me levantei em direção à área dos táxis.

Andava do lado de fora enquanto verificava o celular, quando dei de cara com um taxista, que, imediatamente, começou a gritar:

“Você está pedindo Uber, não está, seu desgraçado? ”

“Calma aí, estou só lendo algumas mensagens”.

“Ei, garotas, olhem só, vou quebrar esse merdinha aqui, agora! ” – Disse ele às mulheres que passavam, com um semblante de quem acredita exalar charme e virilidade.

Não preciso nem dizer: é claro que era mais um da tribo de Hemingway. No entanto, foi frustrado na sua tentativa, e desistiu da luta quando percebeu que as mulheres faziam parte do grupo de discussão de Hilda Hilst, e estavam pouco se fodendo para nós dois.

Entre num vagão do trem que partia, sem sequer saber o seu destino, e me deparei com um grupo de adolescentes que devorava poesia *beat* num sarau improvisado. Ofereceram-me cachaça de graça e me pro-puseram um almoço nu. "Eu vi as melhores cabeças da minha geração sendo destruídas pela loucura", recitavam enquanto comiam.

Depois, só me lembro de ter acordado com uma ressaca tremenda. Eu era um *junkie* e não me lembrava. Tinha injetado diversas doses de Burroughs, e talvez tivesse até misturado com uma essência Nietzscheana.

Agora, estava refutando toda a psiquiatria que não partiu de Dostóievski, à medida que tudo parecia escurecer ao tempo em que o super-homem e o homem extra-ordinário se distanciavam de mim.

Naquele despertar, tudo parecia ter voltado ao mundo normal. Ele era muito mais triste que qualquer drama Kafkiano.

Com os olhos abertos, observei que o mundo das tribos parecia ter ido embora, e, então, perante a apatia das pessoas que celebravam a ignorância, até cogitei estar preso numa distopia de George Orwell. Contudo, sabia que estava equivocado. Me encontrava agora rodeado da legião do Ivan Goncharov. Sabia que agora estavam todos meramente sedados por puro Oblomovismo. Sim, era tudo puro Oblomovismo!

O vírus da literatura tinha me contaminado. E vacina nenhuma poderia ter me preparado para tal doença, que me corroía como um ácido e se apossava do meu corpo, dia após dia, como um amor que lhe rouba a liberdade, e não dá alternativas senão amá-lo e enxergá-lo como aquilo que te lembra que algo em você ainda vive.

MÃOS DE POETA

Meu pai sempre dizia: "Meu filho, você tem que aprender a lutar. Nessa vida você tem que saber apanhar e, sobretudo, revidar. Caso contrário, você termina virando poeta, e poetas sofrem a vida inteira".

Foi o que fiz quando Marilene me abandonou, depois de termos passado cinco anos juntos. Tudo bem que eu escapava vez ou outra, mas eu amava Marilene, e sei que ela escapava vez ou outra também. A gente fingia que não sabia, mas era só porque a gente se amava, quer dizer, porque eu a amava, já que ela me abandonou.

Bem, o fato é que quando ela partiu, e gritou na minha cara que "já deu", eu não hesitei. Pensei que fosse terminar escrevendo alguma coisa fofinha no *WhatsApp*, pedindo para ela voltar ou coisa do tipo, mas eu simplesmente me levantei e me matriculei numa turma de boxe na "*Hell Fitness*", academia nova no bairro.

A academia era bem bacana. Mulheres super perfumadas carregavam corpos esculturais e bundas apetitosas enquanto caminhavam, e davam um ar deslum-brante ao local. No entanto, o que eu queria mesmo era o suor. Eu queria lutar até sair suado e fedorento. Eu queria aprender a apanhar e revidar.

A minha primeira luta foi com um saco de pancada. Eu não estava acostumado a fazer atividade alguma com as mãos além de digitar por horas no teclado do computador. Talvez por isso elas tenham doído tanto quando dei os primeiros socos.

Voltei para casa e tive que deixar os dedos entre compressas de gelo para aliviar a dor e o inchaço. Entre-tanto, no dia seguinte, estava eu lá, pronto para socar e ser socado por quem quer fosse.

Então apareceu um rapazinho, devia ter uns 16 anos. Eu tinha 29, esqueci de falar. Ele me olhou, deu uma risada, e eu pensei: "Vai ser moleza. Olha o tamanho desse moleque. Eu vou terminar é machucando ele. Assim não vou aprender nada".

Rapidamente tomei o primeiro soco e comecei a enxergar tudo turvo. Não sabia que boxe era assim. Não tinha essa de tamanho não, estava ali somente quem sabia bater e quem sabia apanhar, eu não sabia nenhum dos dois, mas aparentemente estava aprendendo a apanhar.

Fui para cima dele tentando dar tudo de mim, dei um soco em sua barriga, e achei que fosse derrubá-lo. Parei para ver se ele estava bem e ele começou a rir de minha cara. Quando desfiz a base para olhá-lo ele me acertou um *jeb* no queixo e lá se foi um dos meus dentes da frente.

Voltei para casa injuriado e sem um dente. Tinha aprendido a apanhar, mas revidar parecia demais pra mim. Sinto muito, pai.

Meus dedos doíam, mas eu ainda desejava aprender a revidar.

Sentei e escrevi um verso lindo sobre o amor, a tristeza e o abandono. Agora eu estava pronto. Meu pai ficaria decepcionado, mas agora Marilene iria voltar pra mim. Eu tinha certeza.

PRO INFERNO COM ISSO

"De manhã cedinho ele bebe cachaça pura!" – Disse o zelador do prédio ao porteiro.

"Porra! Pura? Nada mal. Se bebesse tanto, minha mulher já teria me posto pra fora há tempos." –

Respondeu o porteiro um tanto surpreso.

"Não tenha dúvidas. Mas tudo é mais fácil quando você não tem cinquenta anos e ainda não precisa trabalhar."

"Olha ele aí!" – Gritou o zelador, saudando-o.

Marcelo desceu as escadas ainda mais pra lá do que pra cá, por conta da noite anterior. Colocara uma bermuda por cima do pijama, e assim mesmo venceu os mais de 120 degraus que ligava o terceiro andar ao térreo, com os cabelos ainda despenteados, como quem não os penteia há alguns dias.

Ele seguiu em direção ao bar, abriu a porta e berrou:

"Ei, serve o de sempre! "

O barman se virou, serviu uma dose de vodca pura, num gesto de quem já nem se importava mais, e aguardou Marcelo virar, numa talagada só. Era resistente o jovem, tendo em vista a sua idade.

Ao seu lado, um sujeito perguntou:

"O que acha de discos voadores?"

"Quê? Cara, não me enche o saco a essa hora."

Mas o rapaz insistiu:

"Às vezes fico pensando nessa possibilidade. Eu já tenho planos para o caso de um deles cair em minha casa ou em algum terreno que me pertença. Isso pode acontecer a qualquer momento, sabe? Trabalho numa construtora, então, as chances de cair um disco voador em algum lugar em que eu esteja, é um pouco maior que as chances de cair em outras casas quaisquer."

"Acho que bebi demais. Estou tendo alucinações, ou você está pior do que eu?" – Respondeu Marcelo, questionando-o.

"Qual é! Você sabe que tenho razão. Vou pedir DEZ BILHÕES para os Estados Unidos, e não vou deixar ninguém tocar na nave antes disso. Ficarei rico. Tenho certeza que vão me pagar!"

"Ah, é? E como isso vai acontecer?" – Marcelo começava a se interessar pela conversa do sujeito. Ele definitivamente não lhe parecia sóbrio, embora nada tivesse ingerido até então.

"Ah, isso é simples. Eu já consigo imaginar... É lindo! O disco voador caindo no meu quintal, eu esfaqueando o marciano rapidamente, enquanto ele ainda está desacordado, e, depois, todos querendo um contrato comigo. E então me oferecerão o mundo, e eu quereirei mais. Terei o poder na palma das minhas mãos."

"Você não acha que eles iriam só te matar?"

"Claro que não! Imagina o escândalo que seria!"

O bêbado se levantou, com todo o resto de lucidez que lhe restara, olhou pela janela, e os pássaros estavam lá, como todas as outras coisas. Imaginou ver um disco voador próximo às nuvens que cobriam o

céu, mas logo olhou para frente, e avistou uma garçanete que caminhava com um gracioso rebolado. Marcelo hesitou ao desistir de verificar o objeto no céu, mas o sol emitia uma forte luz.

"Pro inferno com isso", disse a si mesmo.

OS DOIS IRMÃOS

Eram dois irmãos de temperamentos diferentes, como aqueles dois texanos no faroeste de David Mackeinze. Seus nomes eram: Heitor e Rodolfo. Ambos tinham crescido num mesmo lugar. Não tinham boas condições, mas, também não eram exatamente pobres. Seus pais não costumavam lhes dirigir a palavra, e, por conta disso, toda a educação que tiveram viera da rua.

No entanto, ainda assim, a peculiaridade daquela família consistia no fato de que, Heitor, desenvolvera uma índole criminosa, totalmente oposta à de Rodolfo, que se esforçava ao máximo para conseguir um emprego com o qual pudesse ajudar à sua família.

Rodolfo dizia que essa era a prova concreta de que caráter não vem de berço, mas da essência do homem. “Porra nenhuma. Isso é tudo conversa fiada”, respondia Heitor. “Você nasceu depois de mim, ainda não aprendeu o que eu aprendi”.

Antes dos 20, Heitor já punha dinheiro em casa, ajudando, assim, a manter a geladeira cheia e a televisão sempre nova. De onde vinha o dinheiro não importava. Embora se preocupassem, os seus pais sabiam que seria pior viver sem essa renda. A inflação aumentava a cada ano, e ficava cada vez mais difícil sobreviver.

Enquanto isso, Rodolfo estudava. Aconselhava Heitor a sair daquela vida, dizia que estava envergonhando a família e o chamava de bandido diversas vezes. Era uma mistura de decepção com um sentimento de impotência por ter conquistado menos que um bandido.

Veza ou outra saíam na porrada. Seu pai se metia nas brigas e os separava antes que algo pior acontecesse. No fim, saía sempre um com o olho roxo ou com o nariz cheio de sangue.

Foram dias difíceis para Rodolfo. Era duro sobre-viver, dia após dia, à custa do seu irmão, que assaltava as pessoas as quais ele admirava por batalharem para com-quistar alguma coisa.

Acontece que, passados alguns anos, após ter finalmente se formado em medicina numa faculdade pública, Rodolfo, conseguiu um emprego e foi morar no interior.

Em menos de um ano empregado, a sua renda se tornou três vezes maior que a do seu irmão. Certo dia, radi-ante, chegou em casa, ansioso para contar aos seus pais que preparara uma surpresa. Após todos estarem reunidos, assistindo novela na sala, Rodolfo contou que, agora, passariam a morar numa bela casa num condomínio de luxo na área nobre da cidade, e não mais na espelunca que viveram por tantos anos. Aquela ficaria para Heitor.

“Já comecei o financiamento. Vocês não vão mais correr o risco de serem acusados de crime de receptação”, falou, olhando para Heitor com um semblante de vencedor.

Os pais dos dois irmãos ficaram bastante contentes com a novidade que seu filho Doutor lhes apresentara. Se gabaram para a vizinhança inteira, e sequer se importaram com a saída de casa repentina do seu filho mais velho.

Desolado, enfurecido e se sentindo descartado depois de tanto ter feito pela família, Heitor não queria deixar barato a atitude de seu irmão. Após matutar uma vingança útil, encontrou o plano perfeito.

Ao avistar uma moça descendo de uma SW4, na companhia de uma criança, em direção a uma agência do banco, a rendeu ainda no estacionamento. Apontou a arma por baixo do casaco, e disse que ficaria com o menino até que ela fizesse o que ele mandasse.

Atônita, a moça começou a soluçar. Pediu: “Por favor, não o mate! É dinheiro que você quer? Eu faço o que quiser!”, e tentou se acalmar para escutá-lo.

“É o seguinte”, começou Heitor, “você vai entrar naquele banco e depositar cinco mil reais na conta de Rodolfo Miranda de Jesus, aqui estão os dados”, falou, entregando um papelzinho com uns números escritos em letras garrafais.

A moça fez o depósito, e, quando retornou com o comprovante, Heitor não estava mais lá. Ela abraçou o seu filho e celebrou a sua vida como nunca antes tinha celebrado. Voltou para casa e contou ao seu marido tudo que ocorrera.

“Que bandido mais estúpido!”, bradou ele. “Tendo o seu nome, nos basta entrar com uma queixa o acusando por extorsão mediante sequestro e ele estará fodido! Vou entrar em contato com alguns colegas para mexerem uns pauzinhos. Ah, mas ele vai ver só!”

O inquérito policial foi aberto, Rodolfo foi indiciado, mas sequer soube da citação, omitida por Heitor, que agora morava no lugar em que Rodolfo registrara como seu endereço. Não acompanhava editais e não podia imaginar que seu nome estaria lá. Não gastava muito, e tinha tanto dinheiro na conta, que nem percebera a adição dos R\$ 5.000,00.

E quando o oficial de justiça foi notificá-lo pessoalmente, já havia um mandado de prisão preventiva decretado em seu nome, provavelmente em decorrência da influência do pai da criança sequestrada, o que o fez ser levado em cana.

Heitor fez questão de acompanhá-lo até a delegacia. Chamou alguns vizinhos com a desculpa de que Rodolfo precisava de suporte naquele momento, e sorriu descaradamente, enquanto Rodolfo gritava, em tom desesperado, “eu não fiz nada, foi ele, foi ele!” .

“Pobre Rodolfo, agora está culpando o próprio irmão. Eu sempre soube que ele não era lá muito diferente. As provas estão aí, e ainda assim ele culpa o irmão. Caráter é mesmo algo cada vez mais raro hoje em dia”, comentou uma senhora da sua antiga vizinhança, que fofocava com outras tantas durante o final de tarde.

“Eu também sempre desconfiei, essas coisas, você sabe, estão no sangue...”, retrucou uma outra senhora, espantada e entusiasmada com a conversa.

E quando os seus pais voltaram para a antiga casa, Heitor não conseguiu deixar de sorrir ao se ver igualado ao seu irmão, quando escutou a sua mãe dizer, se encolhendo nos braços do marido: “oh, meu querido, nós não demos sorte com os nossos filhos”.

O pior meio de se educar um filho, é tentando ensinar a ele disciplina através da coerção física. Foi essa a minha primeira lição de vida. Um sujeito que cresce tendo como preceito primário a disciplina, se desenvolve com um padrão absoluto do que é certo, e do que não é, e por isso termina se tornando um ser sem dúvidas, fechado, ignorante e limitado. Se torna alguém que enxerga apenas um lado, o qual comumente é o politicamente correto, aquele das verdades inquestionáveis. Essas pessoas, as disciplinadas demais, elas nunca se entusiasmam. Elas nunca jogam tudo para cima, e, sobretudo, nunca se permitem buscar o que as satisfaça, alegando a necessidade de sempre manter o foco.

Eu nunca quis viver essa esquisita e disciplinada normalidade. Minha mãe sempre me disse que a disciplina é importante para tudo. Ela estava certa, a disciplina realmente é importante para tudo, mas somente para tudo que se possa considerar um assunto sério.

A questão é que eu nunca fui de considerar muitas coisas como sérias. O conselho fora apenas um conselho, e não uma ordem incisiva. Hoje eu agradeço à minha mãe por isso. Acho importante a existência da disciplina, ela pode cumprir bem o papel de impor limites. Só não concordo com aqueles que fazem dela um mantra. Essa coisa de ordem e disciplina o tempo todo nos priva do deleite com os aspectos mais nobres da vida. Para quê tanta seriedade se a vida é uma só? Por que devemos fazer tudo seguindo sempre uma mesma sequência predefinida de atos e regras?

Nunca cederei às preocupações comuns provenientes da disciplina. Eu não consigo fazer tudo sempre igual, *a não ser que eu tente. Só que eu nunca tento. Sempre invento uma coisa diferente.*¹ Sei da sua importância, mas, ao mesmo tempo em que não sou muito adepto à disciplina, sou um grande admirador da honra e da fidelidade. Penso que um ser humano que não carrega esses dois atributos é um ser incompleto. Fidelidade é uma questão de respeito, e para você respeitar a si mesmo, você precisa ter honra, e se você não respeita o outro, você não pode ter a sua honra, e se você não tem a sua honra, você não pode respeitar a si mesmo. Bem, não preciso prosseguir perante afirmativa tão óbvia.

Mas comigo nada nunca foi assim, tão simples. Só esses atributos nunca me foram suficientes. Na verdade, sempre fora tudo muito complicado. Enquanto crescia, podia viver com isso, mas aí cheguei aos vinte e cinco, e trabalhar é difícil, sabe? Não o ato de trabalhar, mas o ato de se encontrar em algo. O ato de exercer profissões que exigem grandes responsabilidades, e prazos, e buro-cracias... Acontece tudo de maneira precoce! Embora acreditasse que tudo ocorreria no tempo certo, eu saí do colégio, onde ainda recebia “atividades de casa”, as quais impunham uma espécie de controle sobre o meu desempenho, e depois, de repente, já estava na faculdade, onde via as coisas se desenvolverem rapidamente enquanto a realidade batia à janela.

Foi nesse súbito momento que tudo mudou. A partir dali eu precisava apenas tentar adquirir respeito para que não virasse um subordinado fracassado. Deveria conseguir passar segurança em tudo que fizesse para adquirir confiança. É tudo um contrato. A vida inteira não passa de um contrato de prestação de serviço com o diabo. Deus te dá a vida e ônus que carrega é o de ter de conquistar o seu

espaço.

Hoje acho que eu só resisti por causa do meu pai. Ele me dava surras quando era mais jovem, enquanto dizia que precisava ter disciplina, ser forte. Eu gritava dizendo que doía, mas ele dizia que doía mais nele que em mim, contudo, só dessa maneira eu aprenderia.

Nunca me deu apoio de fato, mas me forçou a ter coragem perdendo o medo da morte, já que, tantas vezes me deixou bem próximo dela. Odiei-o por muitos anos, mas devo admitir que foi ele quem me ensinou a ser duro e implacável.

Vinte anos depois, o encontrei numa lanchonete no centro da cidade. Ele me disse que sabia que não estaria sempre presente e por isso teve de me tornar forte. Não concordei, mas compreendi a sua boa intenção. Ele era um filho da puta, eu sabia disso. Mas eu também tinha me tornado num, de certa forma.

Nos abraçamos, e soube que alguns dias depois ele faleceu. Acho que estava apenas esperando aquele encontro para partir. Ele me amava, o meu pai... Sentiu que sua missão tinha sido cumprida e se foi. Mas eu não lamentei. Tinha me tornado duro o suficiente para não guardar lamúrias, e isso era o bastante.

SEM OLHAR *PRA* TRÁS

Martin estava com o seu traseiro acomodado no banco da frente, dirigindo ao lado do seu parceiro Ted, quando avistou dois mendigos parados na faixa de pedestre, esperando o momento oportuno para atravessarem a rua.

Os mendigos pareciam cansados. O mais velho deles parecia beirar os trinta e usava apenas uma bermuda bege surrada. O rapaz ao seu lado deveria estar sobrevivendo há cerca de quinze anos, e aparentava ser seu filho.

Martin sinalizou, com um gesto característico de positivo, e os deixou passar. Alguns minutos depois, Martin se virou, e disse ao seu parceiro:

"Cara, eu senti piedade daqueles dois."

"Eu também sinto às vezes.", respondeu Ted.

"Você ouviu o que eu disse? Acho que você não escutou. Eu falei piedade! P-I-E-D-A-D-E!"

"Sim, ouvi. E daí?"

"E daí que, porra, piedade! Por que eu sinto piedade? Digo, o que eles têm pior que eu?"

"Devo mesmo responder, Martin? Você tá me zoando, né?"

"Zoando? Você realmente acredita que na cabeça deles existem mais problemas que na minha? O que eles devem pensar? Na pior das hipóteses, será algo do tipo 'ah, como eu quero sobreviver'. Esse é um esforço físico apenas, embora acompanhado de dor. Quero dizer, não há exaustão mental em sua dor. Eu falo sobre um lamento maior, o lamento da alma, que carrega uma decepção moral, causado pela existência da consciência e da luci-dez."

Ted se manteve em silêncio, na espera de que seu amigo parasse o seu discurso, mas ele continuou:

"O que pode ser pior que temer chegar em casa para encontrar a sua mulher balofa, pronta para reclamar do que quer que seja, com um saco do Burger King nas mãos? O que pode ser pior que ter que buscar um novo emprego enquanto você não consegue suportar nenhum? Não suporto saber que toda quarta, quinta e sexta terei a mesma rotina de merda, odeio não ter perspectivas de um futuro diferente até que a tal da morte chegue. Merda, o meu tempo só se esgota enquanto eu morro aos poucos ainda estando vivo. Sabe o que é? Eles deviam sentir piedade de mim também, isso sim. Diabos, penso em me matar todo dia, meu cansaço intelectual é intenso, por que eles não sentem piedade de mim? Minha vida está tão perdida quanto a deles, ou até pior. Eles deviam ter.... Você entende, não entende, Ted?"

Ted sentiu repugnância, mas não havia piedade em seu pesar. Pediu para parar no acostamento, abriu a porta e partiu, sem olhar *pra* trás.

A GAROTA QUE NÃO GOSTAVA DE PROFESSORAS DE PORTUGUÊS

Tudo ocorria estranhamente bem durante uma aula, em plena terça-feira à tarde, num prestigiado colégio baiano. Chovia. A aula correspondia a uma reposição de literatura para o segundo ano do ensino médio, que aconteceria, extraordinariamente, às 14 horas, em decorrência da suspensão devida à greve da polícia que ocorrera no mês anterior.

Rick e Pietra estavam cansados, sentados lado a lado. Rick cochilava quando Pietra lhe deu um peteleco na orelha, fazendo-o acordar enfurecido.

“Que porra! O que é? ”, perguntou Rick.

“São esses “erros” de estética textual. Que saco!”

“Quê que tem? ”

“Essa professora! Olha o que ela tá dizendo! Ela está endeusando essas porras dessas poesias cheias de estética e rimas, como se elas merecessem alguma glória, mas elas não dizem nada! E os olhos dela ainda brilham como se estivesse decifrando a Pedra de Roseta. “

“Caralho, isso é mesmo um saco. Mas você me acordou para isso?”

“Ah, qual é, me faz companhia vai... Essa aula tá um tédio!”

“Com um “T” bem grande, como diria nosso querido Renato”

Pietra sorriu e a professora os fitou com um olhar penetrante:

“Alguma dúvida?”

“Não professora, desculpa”, respondeu Rick, fazendo-a continuar.

Rick voltou a dormir e Pietra gargalhou quando ela começou a falar sobre os grandes poetas, esquecendo-se daqueles que ela considerava os maiores.

Pietra jogou uma bolinha de papel em Rick, e ele acordou, novamente, falando baixinho, mas num tom raivoso.

“O que é, caralho?”

“Olha só Rick “os maiores poetas”! Aí ela fala sobre Drummond e Leminski, depois dizem que os EUA que são os nacionalistas narcisistas. Cadê os grandes poetas mundiais? Que manipuladora! Ai... Que raiva!”

“Vocês, por acaso, gostariam de conversar na coordenação? ”, questionou a professora num tom irônico.

“Não, perdão, professora. Foi só uma dúvida sobre o assunto.”

Pietra e Rick, então, decidiram passar a conversar por meio de bilhetes.

“Por que você simplesmente não pergunta sobre os maiores poetas? Pergunta “cadê Fernando Pessoa”, “e Roberto Piva”, “cadê Bukowski”...?”

“Não adianta, ela é a chatice literária em pessoa, gosta mais da métrica que dos sentimentos demonstrados. Não deveria ter se tornado professora. Não sabe o real sentido das palavras...”

“Às vezes gosto de você, Pietra.”

“Vamos conversar, vai, puxa algum assunto”, respondeu ela, tentando fugir do tédio.

“Que bolso é esse que sua blusa tem nos peitos? É para o namorado poder disfarçar melhor?”

“Hahaha, engraçadinho.”

“Qual é, só gostei do seu estilo. Que *fashion*, hein?”, escreveu Rick, desenhando um *emoticon* risonho.

Enquanto isso, a professora começava a falar sobre Vinícius de Moraes. Rick se animou, adorava Vinícius.

“É, agora valeu a pena ter me acordado”, cochichou no ouvido de Pietra.

A professora interpretava sua famosa canção, “Canto de Ossanha” e questionava a frase “O amor só é bom se doer”.

“E então Rick, o amor só é bom se doer, procede?”, perguntou Pietra.

“Pergunte ao seu orixá.”

“Quê?”

“É o resto da música...”

“Ah, me perdoe, gênio da música brasileira! Desculpa se não acompanho o seu ritmo!”, respondeu zombando.

“Ah, adoro Vinícius...”

“Não conheço. Mas pelo que a aula está sugerindo, logo virão Caetano, Chico e as mesmas reflexões de sempre. Tudo bem que eles são grandes compositores, mas poderiam ao menos variar, né?”

“Você está certa, logo virá o assunto Gil, melhor eu voltar a dormir.”

“Não gosta de Gil?”

“Não. Ele cria umas ideias loucas olhando para o ambiente, como “esse ar-condicionado está frio, e o peteleco que me deu me acordou, me fazendo ver o seu bolso quadriculado nos seios”, e de repente, já está tudo decifrado. E logo os professores e letristas dirão que o ar-condicionado quis fazer uma alusão à frieza das almas contemporâneas, e o peteleco se referiu às experiências vividas por ele, quando lhe veio à tona sua genialidade, e o bolso nos seios lhe guardava um coração, que era quadriculado por estar dividido entre diversas escolhas.”

“Hahaha, exatamente assim! E acho que ele busca utilizar a maior quantidade de verbos possível, para ficar ainda mais indecifrável.”

“Pois é, Gil só escreve palavras, palavras soltas. Ao menos, no meu entendimento. Mas, por ser Gil uma grande figura, todos veem o seu significado à sua maneira. É isso que o torna genial. Existem diversos como ele nos holofotes. A música é legal, mas acredito que ele não queria dizer nada do que dizem por aí.”

“Odeio professoras de Português, todas que tive foram assim.”

“Já tive boas professoras e bons professores, também, mas eram sempre temporários, e inesperadamente demitidos. Alegavam que não preparavam os alunos bem para os vestibulares.”

“É, os vestibulares não mostram a literatura genial que existe no mundo.”

“Que narcisistas são os americanos, hein Pietra?”, indagou Rick com sarcasmo.

“Os sul-americanos, Rick.”

“Saíam da sala! Vocês não parecem interessados na genialidade de nossos artistas, então, não atrapalhem”, bradou a professora, com um ar imperativo.

“É, professora. Talvez não estejamos!”, respondeu Rick, esperando Pietra passar e batendo a porta logo após.

VOCÊ TAMBÉM! (INTERLÚDIO)

— Cara, olha pra frente! Pronto, olhou? Agora olha aqui pro lado. Viu? Tá vendo este mundo aqui? **ESTÁ VENDENDO?** Me responde! Este mundo é o nosso mundo, e não é de mais ninguém! Nós vivemos nele! Perdemos a nossa autonomia apenas por um acidente da necessidade. Nós deveríamos lutar para conquistar a nossa liberdade de novo, como a possuíam os índios, e não por mais restrições. Entende o que estou falando? Sabe o que significa liberdade? Liberdade significa ter autonomia para fazer o que quiser. De acordo com o dicionário Aurélio, o “direito de proceder conforme nos pareça, contanto que esse direito não vá contra o direito de outrem.” É um dos preceitos da nossa constituição. Você não quer ter autonomia? Escuta, inventaram a sociedade para evitar que lesemos uns aos outros, e só por isso – o que até faz sentido. Mas o que não entendo é *pra* que porra querem restringir ainda mais a liberdade dos outros. Não quer se casar com um homem? Não se case, ninguém se importa! Mas, se um outro cara quiser, que porra você tem a ver com isso? E não me venha com dogmas religiosos ou tradições. Enfie isso no seu...

—

— É sério, nós precisamos recuperar nossa autonomia.

— É que Você sabe... A bíblia ... A tradição da família deveria se basear nas leis de Deus.

— Ah, vai se foder você também.

EU VOU FODER COM VOCÊ!

Ela era uma moça misteriosa. Por vezes seu sadismo se manifestava através do seu olhar maníaco, que só se expunha em determinadas situações, noutras, com toda a delicadeza que carregava, conseguiria, se quisesse, conquistar o mais romântico dos homens.

Sua história era bastante pesarosa: seu primeiro relacionamento sério acontecerá muito precocemente. O primeiro namorado que teve fora um cara escroto, forte e controlador, que lhe proibira até mesmo de usar roupas as quais lhe agradavam.

Ela, na época em que se apaixonara, era bastante jovem. Estava prestes a completar dezessete, onze a menos que o rapaz, que, por ser teoricamente mais experiente, se aproveitava da sua inocência para reprimi-la com o seu preciosismo egoístico.

Embora não se sentisse à vontade ao seu lado, ela o achava um charme. Dizia que ele era um gato e temia que não conseguisse mais ninguém.

Quando ela descobriu que ele a traía, já era tarde demais. Tinha desperdiçado boa parte da sua juventude com a ilusão de um amor que nunca existiu, restando apenas odiá-lo com todas as suas forças, por conta do que poderia ter vivido e tão brutalmente lhe fora roubado.

A moça, cujo nome verdadeiro não gostava de revelar, passou então a descontar as dores da sua decepção em outros homens, num ato de misandria pós-traumática.

Certa vez, após um show de uma banda de forró, decidira levar um sujeito para sua casa. Não fora muito difícil. Apareceu em sua frente, deu-lhe um beijo e logo estavam a caminho. Ainda morava com seus pais, mas estava sozinha naquele fim de semana. Enquanto transavam, ela sorria. Era um riso tenebroso, e o rapaz o enxergou de modo excitante no início, mas, após alguns instantes, quando notou que ela mantinha aquele riso doentio de maneira sombria, enxergou terror em seu olhar, e um ar de pânico se manifestou por todo o seu corpo. Sentia medo, mas fingia não se importar. A loucura se assemelha à adrenalina, e adrenalina lhe dava tesão.

“Eu vou foder com você.” – Ela sussurrou em seu ouvido.

Ele sorriu e apenas continuou o ato. Depois, a cumprimentou desajeitadamente e foi embora, ainda um pouco assustado. Não contou que não pretendia vê-la nunca mais.

Acontece que o rapaz, que se chamava Hubert, era casado. Possuía uma esposa que, assim como ele, era dona da empresa em que trabalhava, sendo, portanto, sócios.

Ela havia pesquisado toda a sua trajetória no Facebook antes de encontrá-lo. Tinha aberto a página do evento da banda e observado perfil por perfil de quem confirmara presença, até escolhê-lo.

Não era muito criteriosa, apenas observava os perfis, e caso encontrasse algum sujeito que postasse algo que declarasse qualquer espécie de preconceito, ou qualquer coisa que lhe parecesse estúpido, aquele seria o escolhido.

Neste caso, o rapaz tinha dito num *post* que “lugar de mulher é na cozinha, botando cerveja pra gelar”.

Na semana seguinte ao que ocorrera, num possível dia comum para Hubert, sua esposa dirigiu até o trabalho em silêncio, em sua companhia. Chegando lá, convocou todos para uma reunião. Ele questionava o motivo do seu comportamento até o momento em que ela se manifestou.

Havia recebido um envelope com fotos dele transando com a moça. Friamente, mostrou a todos e o ridicularizou em público.

“Ainda tem o pau pequeno, olhem só!”, comentou a sua futura ex-esposa, com o ar de desdém e ódio de uma mulher traída.

A moça colocara em si uma tarja preta no rosto, numa edição bizarra feita no *Paint*.

Sua esposa pediu o divórcio no mesmo dia e expulsou Hubert da sociedade, alegando comportamentos antiéticos que não podiam ser expostos ao público.

“Vou foder com você!”, ele lembrou.

Resolveu ir à casa da moça, com a intenção de tirar satisfações ou apenas ofendê-la, mas ela simplesmente atirou um castiçal em sua cabeça e fugiu.

Tinha aprendido que não poderia mais levá-los para sua casa. Era perigoso.

Quando Hubert acordou, deitado na calçada, não lembrava de muita coisa. Ela não estava mais lá, e então ele apenas chorou.

Na primeira vez em que o ato se repetiu, aconteceu na saída de um teatro. Um rapaz bem arrumado caminhava, e ela se esbarrou nele, enquanto carregava duas sacolas com algumas compras, derrubando tudo o que trazia consigo. Ele a ajudou, e ela conseguiu forjar interesse sexual afirmando o quanto ele era gentil, enquanto abria o decote.

Ele parecia estressado e ansioso, mas, ao notar o interesse dela, a convidou para ir com ele até a sua casa para bater um papo.

Estava tudo programado, da mesma forma que havia acontecido na vez anterior. Ela já sabia tudo a seu respeito antes mesmo de se esbarrar nele. Sabia o seu endereço e havia descoberto os lugares que gostava de ir, tudo retirado das suas diversas fotos que ditavam os seus dados e a sua rotina.

Sabia também que ele estava prestes a se formar em direito, e que desejava muito passar no exame da ordem dos advogados, que aconteceria no dia seguinte. Tinha descoberto, inclusive, que o futuro advogado compartilhava de ideias fascistas relacionadas ao extermínio dos negros.

Após o convite, forjou timidez, mas terminou aceitando e o seguiu até a sua casa.

Chegando lá, não houve muito papo. Bastou a porta ser aberta, duas taças de vinho, e ela já estava por cima dele. Disse:

“Eu vou foder com você!” – Era incrível a maneira a qual ninguém nunca levava aquela frase a sério se dita durante uma transa.

Ela então terminou o ato, bebeu mais uma taça de vinho, pôs um comprimido numa das taças, e lhe ofereceu para beber.

O rapaz não podia fazer aquela desfeita. Era só uma taça, não atrapalharia sequer o seu desempenho no trabalho no dia seguinte. Aquilo parecia um presente de Deus para que fizesse sua prova mais tranquilo. Ela havia aparecido para lhe tirar o estresse e mostrar que a vida é bela.

Ao menos foi nisso que ele acreditou. “Obrigado Deus!” disse baixinho, para si mesmo, num tom alegre.

Alguns segundos após a taça, desabou no chão, caindo num sono profundo. Sem cerimônia, a moça o pôs na cama e saiu do quarto, deixando seu sono plenamente satisfeito com o silêncio.

Ela ficou nas redondezas por algumas horas, e tratou de se certificar de que ele não acordaria até o horário da prova, que aconteceria às 8 horas da manhã do dia seguinte.

Sua promessa tinha de ser cumprida. Ela iria foder com ele, e não queria saber de bom sentido.

Às sete e quarenta e cinco do dia que se sucedeu, ela foi embora. O rapaz não teria como chegar até o local em quinze minutos, e, portanto, perdera a prova do exame da ordem, tendo de esperar mais um ano para poder tentar dar rumo a sua vida.

Aquela prática tornou-se comum à moça, que demonstrava cada vez mais prazer ao colocar seus sórdidos planos em ação. Pesquisava detestáveis homens sedentos por mulheres, os levava para um motel ou para suas próprias casas, e, de alguma maneira, os destruía socialmente, após dizer-lhes que lhes foderia, com os olhos cheios de tesão.

Era importante, antes de tudo, pronunciar tal frase. Era ali que estava o prazer. Era naquele momento que gozava. Seu ponto G era pronunciar a frase e produzir tesão em quem ouvia. Uma espécie de masoquismo gozado.

Certo dia, arriscou executar um desses atos com um homem desconhecido, que lhe xavecara durante meses, todas as vezes em que caminhava pela avenida onde os motéis que costumava ir se encontravam.

Sentia ódio daquele tipo de homem mais que dos outros. Eram todos detestáveis e sabia que o mundo seria um lugar melhor sem eles, entretanto, a raiva que sentia por esse homem se tornara um caso pessoal.

Havia resistido por muito tempo, afinal ele era um tanto forte e possivelmente reagiria violentamente à punição que lhe submetesse. Porém, após perder a paciência com o sujeito depois de escutá-lo dizer que pela roupa que vestia merecia ser estuprada, se convenceu de que dois comprimidos em sua bebida seriam suficientes para dopá-lo, e seguiu o seu instinto.

Num surto de raiva, o levou para um beco, e, lá mesmo, levantou sua saia, e esperou a penetração para dizer, com todo o prazer, "eu vou foder com você!".

Os olhos do homem brilharam, e ele a puxou com bastante tesão, mas, para a surpresa da moça, ele respondeu: "não. Eu é quem vou foder com você!", mostrando seu distintivo de policial.

Então, nela surtiu uma tremedeira. Foi quando se lembrou de tudo que vivera até ali, de todo o seu prazer sádico, da sua juventude conturbada. Até chegou a crer que o seu fim estava próximo.

Olhou para o policial, e, de alguma maneira, soube que ele já havia descoberto o seu segredo. Estava tudo acabado. Tão cedo e já iria pagar pelos seus pecados.

"Uma vida desperdiçada. Deveria ter sido mais esperta... Poderia ter feito muito mais se não fosse tão estúpida", era tudo o que se passava em sua cabeça.

Estava prestes a se entregar quando, num surto de sapiência, mordeu os beiços, olhou nos olhos do policial, virou de costas, e disse-lhe, sorrindo: "então, fode gostoso!".

Foi tudo o que o policial conseguiu fazer.

Ele tocava ali, na praça depois da esquina onde morava todo o pessoal do alto escalão da cidade. Era final de tarde, e já estava se aprontando para abandonar o ponto. Tinham se passado mais de duas semanas, e, assim como todo artista de rua, sabia que deveria viver migrando a cada duas semanas, pois é esse o tempo que a magia dura até que as pessoas se acostumem e percam o interesse. (Para um artista, não há nada pior que o comodismo e a não eventualidade).

Foi quando um homem que caminhava em direção a um edifício empresarial parou para ouvi-lo, e, após alguns minutos, colocou em seu bolso uma nota de R\$ 100.

Ele tocava ali todos os dias. Às vezes recebia algum valor entre R\$ 1 a 5, mas R\$ 100 era algo que nunca acontecera. Ninguém nunca tinha lhe presenteado com um valor tão alto.

O músico estranhou a atitude, e, após tocar duas canções seguidas, parou e sorriu gentilmente para aquele que contribuía com o seu trabalho.

Aproveitando a pausa do grande artista, o rapaz, nervoso e confuso quanto à melhor forma de abordá-lo, indagou:

“Ei cara, como pode transmitir tanta calma? Sério, passaria o dia inteiro ouvindo esse som. Ontem, antes de dormir, só conseguia me lembrar desse som. Tinha ouvido quando passei aqui, antes de ir para o trabalho. Essa melodia que você tira do violão, como se chama? Nossa! Você realmente tem talento, cara!”

Após a fala do rapaz, o artista, que emanava calma, gentilmente fez sinal de reverência, disse que era um tanto satisfatório ouvir aquilo, e que o incentivo que lhe foi dado seria de grande utilidade. Então, fez que ia voltar a tocar.

Nesse momento, o rapaz, que estava com bastante roupa num sol de matar, continuou:

“Fico envergonhado de preencher sozinho sua plateia. O mundo inteiro deveria estar aqui, ao meu lado, prestigiando esse talento. Sabe, quando eu estava vindo, pensava, ‘que diabo, agora vou sentar, verificar a bolsa de valores, analisar as quedas geradas pela crise, depois vou abrir os jornais on-line, e as redes sociais, e terão mais e mais críticas e protestos que não saem do computador, verei discursos de ódio...’ e antes de terminar o pensamento, já dizia a mim mesmo que seria melhor se eu não fosse trabalhar e largasse tudo. Porém, acabei vindo para mais um dia terrível. Quer dizer, um dia que seria terrível, se você não o salvasse! Ainda bem que te encontrei aqui. Obrigado! Muito obrigado!”

O músico se sentiu envaidecido e feliz, entretanto, não sabia o que responder. Apertou a sua mão e disse-lhe:

“Pô, é por isso que nós compomos e vivemos, para que possamos trocar energia. Trocar experiências e transcender sentimentos. Olha essa música, eu compus pensando nisso.”

Novamente, antes que começasse a canção, o rapaz continuou:

“Já cansei de todos esses problemas, sabe? O mundo é um grande absurdo. Estou cansado de buscar os antecedentes, motivos e consequências para tentar justific- ar a aceitação das mentes pequenas. Estou cansado de combater isso sem saber que caminho trilhar. É chato, me deixa perdido, e estou

cansado de me sentir assim. Não quero mais ler sobre racismo, homofobia, machismo ou qualquer forma de preconceito. E não! Não é que eu não me importe, ou que esteja acomodado. Se por um acaso presenciar algum ato como esses na rua, irei reprimi-los sem pestanejar, mas eu quero a vida. Quero as histórias cotidianas, quero dedicar meu tempo às grandes histórias, aos grandes filmes, aos grandes debates, às grandes canções, como as suas. A vida é muito curta para se ocupar com a aceitação à ignorância a que os outros se submetem. A partir de hoje, viverei apenas o que me for do âmago, e nada mais.”

O músico, percebendo que já carregava o violão há certo tempo e ainda não começara canção alguma, respon-deu, secamente:

“É verdade. Maus tempos esses que vivemos.”

Guardou seu violão na capa que carregava, juntou suas coisas e partiu. Até gostara do discurso do rapaz, mas cresceu uma tristeza em seu peito quando percebeu que não era a sua música que o encantara. Percebera que o rapaz queria apenas um bom ouvido para escutar o seu desabafo, e nada melhor do que um artista para isso, afinal, parecem sempre tão solitários, não é mesmo?

O músico relembrou o motivo de estar sempre mudando de lugar: o segredo era nunca criar laços de intimidade. Criara uma casca de resistência ao mundo, e não queria perdê-la. Compreendeu porque os grandes artistas enlouquecem com a fama: eles perdem a solidão.

A partir de então, passou a alterar o local do seu show a cada uma semana e meia, evitando assim que fossem criados laços com lugares, paisagens, pessoas. Não queria correntes. Não queria que lhe roubassem a sensação de abandono, a calma, ou sequer a paciência.

Sabia que, quando isso acontecesse, a próxima a lhe ser subtraída seria a liberdade que tinha para ser ele mesmo, e temia por isso.

UM ENCONTRO COM O VELHO

Anoitecia quando entrei num boteco da Califórnia e encontrei o velho, de costas, vestindo uma camisa apertada e curta, que deixava o seu cofrinho à mostra. De início, pensei estar tendo uma alucinação, mas ainda não tinha me utilizado de entorpecente algum. Assustado, perguntei:

"Bukowski?"

"Não. Sou só o filho da puta do Chinaski." – Respondeu ele, me gozando.

"Mas você não estava morto?"

"Preferia estar. A Dona Morte teria me poupado de muita coisa. Mas, desde que afirmei não sentir mais tesão por ela, ela passou a ameaçar me trazer de volta à vida. Inicialmente achei que não fosse lá um castigo, pensei que estivesse apenas blefando quando dizia que tudo estava pior e ainda mais repugnante, mas, desde que ela me trouxe de volta, não teve um dia em que não tenha desejado retornar para aquele buraco."

"Deve ser um sonho" – Falei em voz baixa para mim mesmo. Entretanto, verifiquei que podia me beliscar e sentir dor. De qualquer forma, fosse o que tivesse de ser. Sentei-me e resolvi conversar com o

velho. Ainda que tivesse sido uma mera obra da minha imaginação, não podia descartar uma oportunidade daquela de qualquer maneira.

"Há quanto tempo está aqui?"

"E isso importa? Estou aqui há tempo suficiente para notar que a humanidade sempre pode piorar. Você por acaso é jornalista?"

"Não, mas sempre quis ser. Desisti quando notei que para ser bem-sucedido precisaria escrever sobre fofocas e moda. A modernidade é engraçada, Buk."

"Não me importa. Engraçada? A modernidade fede, e é para quem tem paciência e certo senso de masoquismo. Se você quisesse ser bem-sucedido, teria posto uma bala nos miolos, assim como fez o Heming-way." – Disse o velho, exalando um terrível bafo de álcool e cuspiendo de desgosto enquanto falava.

Percebendo que ele não estava muito para conversa, decidi tentar mostrar-lhe novidades que pudessem ser do seu interesse, e o convidei para ir numa livraria comprar algum livro do Rubem Fonseca.

"Você acha que no inferno não tem biblioteca? O Rubem é ok. Um dos vivos mais lidos lá embaixo. É uma pena que tente refinar sua obra com citações que lhe deem certos aspectos de erudição."

Pela sua expressão, podia-se imaginar que houvesse certa rivalidade entre os dois por lá. Ele nunca gostara de um concorrente à altura que não fosse o Fante ou o Celine.

"E o que você pensa da literatura lá de baixo, Buk? Os burocratas da literatura já não têm tanta voz. Poucos continuam lhes dando atenção. "

"Em contrapartida, um circo está instalado. As pessoas têm se agarrado a toda espécie de cegueira. Qualquer maldito que escreva literatura suja é chamado de "novo Bukowski". Qualquer um que fale sobre negros é acusado de estar desprestigiando séculos de luta dos negros, ainda que esteja escrevendo sobre elas. A ficção está sendo engolida pelo que chamam de realidade, e a literatura não está sendo bem digerida. O humor se tornou uma espécie de pecado."

Olhei na cara do velho com espanto, puta que pariu, era Bukowski! E ele continuou:

"Volta e meia transformam tudo que há de melhor em pecado. Fora a destruição que tem acontecido com a língua. "Lumbersexual", que porra é essa? Li algumas notícias e vi essa coisa sobre estilo lenhador, uma espécie de *hipster* sei lá o quê. *HIPSTER*, há termo mais pejorativo que este? Designaram conceitos relativos até mesmo à propensão dos seres humanos de amar a forma de pensar do outro. Sapiosexual, se não me foge à memória. Diabos, depois de um belo par de pernas, o que mais estimula a paixão é o desafio gerado pela forma de pensar do outro, não precisamos dessa destruição linguística fodida. "

"Senti saudades de você, Chinaski. Tudo que diz faz todo o sentido. Gostaria que visse as manifestações sem pedidos, e as divagações em torno do feminismo e da apropriação cultural. As feminazis são capazes de arrancar a sua cabeça."

"E você pensa que não vi? Essa coisa de apropriação foi a primeira frustração que tive. Imagina se não roubássemos uns dos outros. Veja se os romanos vêm para cá combater essas moças que utilizam sandália gladiadora. Sobre essas que chamam de feminazis, prefiro que elas me matem logo, para que eu volte para aquele buraco. Sou covarde demais para fazê-lo. Não quero estar aqui quando a humanidade assinar sua sentença de morte."

"Buk, você toparia dar uma entrevista? Poderia fazê-lo expressar tudo que tem entalado aí, na TV, ou até contar um pouco sobre o inferno para nós. Sempre foi a sua palavra o que te tornou imortal... Que acha?"

"Vai se foder. Eu não vou para a TV. E o inferno é aqui, você não sabia? Sempre foi. "

O velho se cansou de falar. Bebemos algumas doses, e ele começou a ficar emotivo. Sentia falta da vitalidade de antigamente. Estava num bar fodido, desejava toda a desordem dos anos 60, mas tudo que via ao redor eram *hipsters* tirando *selfies* para postar na internet e se intitularem *underground's*.

Por fim, utilizando o celular, apresentei-lhe os blogs marginais, os contos eróticos escritos por mulheres, e as páginas do *Facebook*, *Tumblr*, e *Instagram*, onde mulheres postavam fotos nuas utilizando o codinome "Musas Bukowskianas".

"Ainda bem que estou morto. As pessoas não vivem mais. Nada mais acontece. Nada mais vai acontecer. Partiu quando tinha de partir."

E então, o velho pediu para segurar o celular em suas mãos enquanto lia os textos e comentários. Deslizou o dedo sobre a tela com espanto, passou algumas fotos, e pude ver um riso de satisfação escapando de sua expressão séria enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

"Talvez a humanidade não esteja totalmente perdi-da. Ainda resta uma brasa. Ainda resta o espírito." – Disse o velho, envaidecido enquanto tentava manter a seriedade.

Acendeu um cigarro e desapareceu na escuridão da noite.

Roberval Farias estava no meio do caminho de casa, voltando de uma reunião no parlamento, quando notou que se esquecera de abastecer o seu carro. Para seu azar, encarou um inesperado engarrafamento, e terminou vendo o seu automóvel parar, conseqüentemente ficando preso por ali.

Desesperado para chegar a uma reunião que poderia lhe render muita grana, decidiu descer do carro, empurrá-lo até o acostamento, e ir, de terno e gravata, em direção ao ponto de ônibus mais próximo, que ficava numa praça deserta naqueles arredores.

Chegando à praça, encontrou um rapaz de regata, pingando de suor em pleno calor do verão nordestino.

“Caralho, que calor! – Disse o engravatado, com um olhar condescendente.

“É, tá calor...” – Respondeu ele, aparentando estar cansado.

“Cara, acredita que deixei a gasolina do carro terminar? Que animal eu sou. Decidi pegar um ônibus até o ponto para resolver essa porra logo. ”

“Ao menos você tem um carro, senhor. Queria ver como é que suportaria viver pegando ônibus todos os dias. É um inferno! Acredite em mim.”

“Pois é. Andar de ônibus aqui é uma putaria. País cheio de bandido burro e vagabundo”.

“Não é assim não! Você é que pensa... Os bandidos são correria. Alguns roubam porque querem, é verdade. Mas, outros, roubam porque tem que ajudar na correria de casa.”

“Ah, faça-me uma garapa! Sinto falta dos traficantes fodões, que aterrorizavam, mas davam exemplo. Dividiam tudo em grupos, sabiam se organizar e lidar com a polícia. Hoje os traficantes são bestas violentas que perdem tempo se importando com porra de ostentação e música fodida.”

“A música é o entretenimento que faz a gente esquecer. ” – Argumentou o moço.

“Ah! Vai me dizer que você gosta dessa coisa toda? Meu Deus! Me explique, como isso é possível? Sinto saudade da época que traficante matava quem lhe ameaçava, e investia na educação das crianças da comunidade, não na *orgialização* por meio da música. É tudo culpa dessa música popular que chamam de cultura. Entendeu? ‘Orgialização’, essa foi boa, não foi?”

O rapaz sentiu raiva, e pensou em atacar o homem engravatado, mas, de repente começou a chorar.

“O que foi cara? Por que está chorando?” – Perguntou o burguês suado.

“Pô, assim você me quebra. Traficante também tem sentimentos... É difícil ser fodão quando a gente tem sentimentos e família pra cuidar. Eu, por exemplo, vivo tentando ser implacável, mas tem que ser muito sangue ruim para mandar acabar com a vida de pessoas que tem famílias e seguram a maior barra igual a gente. – Disse, gaguejando e com o olhar marejando.

“Oh! Meu Deus, você é mesmo um traficante? Veja só como os traficantes estão... Deixa eu te ensinar: BANDIDO NÃO CHORA! Não aprendeu isso? Você é um amador, filho! Um amador! Você deve ser duro. Você tem que botar ordem na porra toda para alcançar poder e prestígio. Nunca leu Maquiavel? Os bandidos antigos é que eram de verdade. Possuíam valores. Não tinham essa coisa de cantar música e

tirar foto na Europa não. Você não pode se importar com os outros se quiser ser respeitado no crime.”

O rapaz continuou com raiva, mas suas lágrimas cessaram. Sequer tinha escolhido se tornar o que era. Só queria sair dali. Ainda tinha algumas encomendas para fazer, provavelmente no bairro do engravatado que lhe condenava. “Talvez o meu cliente seja filho deste homem de paletó”, pensava.

“Traficante com sentimentos não dura muito. Você não tem medo de morrer?” – Continuou o engravatado.

“Claro que eu tenho. Como dizia minha vó ‘quem tá vivo pode morrer’. E você?” – Respondeu ele.

“Eu não! A minha vida eu gasto. Igual a palito de fósforo. ”

“Faz bem”.

O rapaz avistou o ônibus que esperava, e levantou a regata que vestia para sacar da carteira, que guardava no bolso da bermuda, o dinheiro da passagem. Foi o tempo necessário para que o engravatado, supondo uma autode-fesa, sacasse do paletó uma pistola com silenciador e atirasse na sua testa, bradando:

“Bandido bom é bandido morto. ”

Tomás vivia se mudando por entre os arredores comerciais da cidade. Às vezes estava no Centro da Cidade, às vezes no Comércio, e, de vez em quando, na Orla. Era casado, porém, há anos não sentia mais nenhum resquício de saudade da paixão que um dia cultivara por sua esposa, e ela correspondia ao seu desamor. Ainda assim, eles constituíam uma família. Tinham trabalhos e outros problemas que lhes pareciam mais importantes, e, por isso, se entregavam àquela situação de conveniência.

Tomás costumava sair do trabalho mais cedo que o horário em que terminava o seu expediente, para depois beber algumas doses em algum boteco nas proximidades. Sentia prazer somente enquanto estava nos botecos ou se aventurando pelos cabarés da cidade, onde buscava mulheres que lhe proporcionassem ao menos uma con-versa interessante.

Às vezes ia atrás de sexo, mas, na maioria delas, queria apenas um colo e um abraço protetor. Era um bom cliente. Pagava bem. Nas casas de massagem com apresentações noturnas, as mulheres já o conheciam, e sempre torciam para serem a escolhida do dia. Era famoso também pelas boas gorjetas.

Numa dessas vezes, ele escolheu Tânia, moça um pouco jovem, mas experiente. Era muito inteligente, e embora tivesse estudado bastante, escolhera estar ali por não ter interesse em manter uma vida de trabalho num escritório ou num shopping.

Tomás era um cavalheiro com as mulheres, alguns afirmavam que era um cafajeste, mas é sabido que ambos os adjetivos se referem a uma característica com a mesma finalidade.

Conhecendo Tânia melhor, lhe ofereceu um apartamento de aluguel para que ela pudesse largar aquela vida e reformular a sua, tendo ele como amante.

Ela hesitou, entretanto, terminou cedendo ao seu desejo. A casa não era lá grande coisa, mas ela ficara feliz com isso. Não é todo dia que alguém se apaixona por uma mulher da vida.

Devidamente instalada e contente com a casa alugada por Tomás, Tânia preenchia as tardes assistindo filmes, frequentando academia e aulas de danças, e voltando para esperá-lo chegar do trabalho.

A esposa de Tomás parecia de nada desconfiar. Talvez suspeitasse de tudo isso, ou talvez até soubesse, mas ela simplesmente não se importava mais.

Tânia passou anos naquela vida de amante, assim como a esposa de Tomás passara anos na vida de desamor. Entretanto, em Tânia havia um desejo de prazer insaciável. A sua chama aquecia todo o seu corpo, e foi natural quando ela se viu prestes a enlouquecer ao notar, enquanto conversava com uma ex-colega, que não tinha mais novidades, nem casos estranhos para contar, ou algum fato inusitado para rir da desgraça do outro.

Tomás, percebendo o descontentamento das suas duas mulheres, um dia não suportou a culpa, e, cansado, partiu sem avisar nada a ninguém.

Sua esposa, de início se sentiu um pouco mal, mas, depois, enxergou como uma benção. Tânia, se sentiu tremendamente perdida. Era como se algo tivesse morrido dentro dela. Logo ela, que sempre acreditou que puta não se apaixonava de maneira alguma, estava amando.

Só se for “a-mando do diabo”, é como diziam suas colegas quando alguma delas pensava nisso. Mas o que jamais sentira pelas centenas de homens que a penetraram, sentia por Tomás.

Tânia sempre aceitara ser a amante, mas nunca esperou que um dia pudesse ser deixada de lado no auge do seu sentimento. Tinha mudado seu estilo de vida, e, agora, Tomás não iria lhe proporcionar mais nada, nem mesmo uma gota de prazer.

Chorou por vários dias, sempre que se lembrava dele, mas, após voltar ao seu antigo emprego, foi, gradativamente, recuperando a alegria, e até voltou a sorrir de vez em quando.

Mesmo se estabelecendo novamente na sua carreira, Tânia nunca negou sentir falta do seu querido amante. Mas, não demorou tanto para que ele aparecesse e lhe roubasse um sorriso. Tomás também se tornara dependente de prazer. Queria ouvir as novas histórias que por lá passavam, e gostava do humor da mulher. Contou que a deixara pois ele se sentia culpado por roubar sua felicidade, e disse que ela era mais interessante ali, sorrindo e fazendo o que mais gostava.

Ouvindo isso, Tânia se sentiu feliz e triste ao mesmo tempo. Não queria só saber ser feliz de um jeito, mas estava alegre por ouvir as palavras de seu amado que lhe desejava a felicidade. A alegrava saber que ele tinha voltado e viria visitá-la sempre que pudesse. Dessa maneira, passou a viver com ansiedade cada dia.

De vez em quando Tomás aparecia lá no cabaré, para encontrá-la como um cliente costumeiro. Um sentimento bom era despertado por ele na humilde mulher, e, de vez em quando, ela até se pegava rindo sozinha. Quando suas amigas notavam seu contentamento repentino, sabiam que ele havia passado por lá.

Mas Tomás começou a sentir o peso da idade, e, com o decorrer do tempo, passou a preencher as suas tardes lendo jornais e visitando-a cada vez menos, conseqüentemente, tornando os risos de Tânia cada vez mais raros.

Tânia morreu antes de chegar aos quarenta, sempre à espera do seu cliente do peito. Um amor que fazia a distância ser interpretada como liberdade. Era justamente por ela deixá-lo ir, que ele sempre voltava, e era justamente por deixá-la ser ela própria, que ela sempre o aceitava de volta. Aquilo fazia manter aceso o efêmero sentimento da paixão, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Após saber da sua morte, Tomás passou a sentir, comumente, um ardor no peito. Seu médico afirma ser um problema decorrente de distúrbios cardiovasculares. Tomás, no entanto, sabe que é apenas uma fagulha. Uma faísca, que reacende a chama do amor quando ela lhe manda lembranças lá de cima.

RECHEADO DE CULPA

Leonardo vivia se lamentando quanto ao que dizia respeito ao seu relacionamento. A todo instante relatava para os seus amigos que no seu amor só tinha dor. Assim como nos poemas sem graça dos rimadores da internet. Chorava no seu travesseiro nas noites de sábado, e regurgitava todo o seu sofrimento escutando canções da nova música brasileira pelo resto da semana.

Com seus sacos cheios e preocupados, os seus amigos resolveram questionar quanto ao real motivo da sua amada fazê-lo sofrer tanto. Jogado contra a parede, e finalmente sendo escutado, Leonardo foi bem descritivo:

“Ela me inveja mais do que me ama. Sente inveja das minhas amizades, das minhas opiniões, dos meus discursos políticos, e até mesmo do meu desdém a tudo que a ela entretém, mesmo contra a sua vontade”.

E quando, finalmente decidiram indagar a lógica e emblemática “e por que não a abandona? ”, recheado de culpa, ele foi categórico:

“Porque eu mais sinto pena do que a invejo”.

UMA PUTA CATIVANTE E UM CAFAJESTE ROMÂNTICO

Já tinha passado da meia-noite, e ela, ao avistar o homem barbudo com face despojada, triste e sedutora, bebendo solitariamente na calçada de um puteiro, sentou-se ao seu lado.

Ela era uma bela moça. Se chamava July, e suas curvas lembravam alguma divindade antiga que ainda perdurava na memória de alguns homens. O homem, que vestia uma camisa preta e usava algumas pulseiras, atendia pelo nome de “Dário”. Tinha estilo, Dário.

Vendo como Dário se punha, segurando uma garrafa de whisky quase vazia com a mão esquerda, e um cigarro com a mão direita, July resolvera se divertir.

“Ei, posso ajudar?” – Perguntou a moça, curvando-se sob o balcão do lugar em que serviam alguns drinques.

“Claro que sim, na verdade já está ajudando!”

“Ah, é? Como?”

“Existindo. Simplesmente me fascina sua existência. Vocês, putas, sabe... São mulheres de classe!” – Elogia o homem, cuspidando o que pensa, sem papas na língua.

“Você tá me zoando! Classe?”

“Sim, classe. O que é classe pra você?”

“Hum, você parece ser um daqueles jogadores da vida. Classe é fazer o que fazemos para que nos respeitem. Se tivermos classe, podemos conquistar quem quisermos. Podemos fazer com que um magnata volte aqui toda semana. É tudo que sei sobre.”

“Exato! E vocês sabem o que fazer, na hora que devem fazer, é por isso que me apaixono por vocês... a todo momento...”

“Agora, me diz aí... para você, o que é classe?”

“Depende, para um homem é muito difícil ter classe, está relacionada ao estilo, à roupa, à oratória.”

“E para a mulher?”

“É algo que está na calcinha.”

“Na calcinha?”

“Sim, tudo está lá. Uma mulher de classe nunca deixaria um homem ver sua calcinha se não quisesse. Ela sabe o momento certo para abrir as pernas, e ela tem no inconsciente o olhar e a maneira como vai lhe conceder o charme, seja na hora de se sentar ou no momento de tirar a roupa. Ela simplesmente sabe como fazer. Uma mulher que mostra tudo, sem pensar, ao meu ver, não tem classe, não tem equilíbrio e não conseguirá jamais conquistar o que quer. Entende? Isso se ela tiver ambições, é claro.”

“Você é engraçado. Me diz, é casado?”

“Muitos casados passam por aqui?”

“A maioria dos homens que passam por aqui são casados. Eles gostam da nossa discrição.”

“Interessante.”

“Então, vai se manter no escuro, senhor mistério?”

“Estou solteiro, mas fui casado por dez anos.”

“Dez anos? E qual é o segredo? Não consigo me imaginar num casamento que dure cinco, quanto mais dez.”

“Vivi com muitas mulheres, até que descobri o segredo.”

“Ah, é? E qual é o segredo?”

“O segredo está nas necessidades fisiológicas, na cagada. Está em nunca usar o banheiro juntos.”

“Você é louco! Como assim?” – Questionou a moça, aos risos.

“É simples, nunca deixe que ela “faça”, estando em sua companhia. Nem que ela veja você “fazendo”, pois, quando isso acontecer, logo irá se tornar habitual e isso significará que o amor acabou e o relacionamento se acomodou. A partir de então, será só companheirismo. E não há nada mais assustador que um relacionamento acomodado. Fora que companheirismo sem amor é entediante.”

“Ei, senhor mistério, qual seu nome?”

“Prefiro que discrição continue sendo o meu forte.”

“Boa esquivada. Faz tempo que se divorciou?”

“Sim, alguns anos. Todas as mulheres do mundo não bastam para um homem, que dirá uma. Me divorciei assim que percebi isso.”

“Faz sentido.”

“E você, o que faz da vida?”

“Amor, todos os dias.”

“Soa mais bonito quando fala assim, mas digo, fora o emprego, que faz?”

“Vou à praia, ouço músicas e às vezes vou à academia. Sabe como é, tenho que me manter desejável. E você, senhor mistério? Aliás, posso lhe chamar assim?”

“Me chama como quiser. Eu? Eu me apaixono todos os dias. Amo amar mulheres, cada uma, um universo...”

“E já se apaixonou hoje?”

“Um homem nunca diz isso. Sabe que, se disser, vai perder todo o charme de ser um escravo do amor.”

“Está apaixonado por mim, senhor mistério?”

“Não acha que está sendo indiscreta demais perguntando isso?”

“E se eu abrir minhas pernas desse jeito...? Você vai se apaixonar por mim? Estarei sendo indiscreta demais para você?”

“Não faz isso... Minha cueca está ficando apertada.”

“Que achou de minha calcinha?” – Ela insistiu, deixando-o desconcertado.

Ele não pensou duas vezes antes de perguntar:

“Casa comigo?”

TODA A ESCURIDÃO QUE VIA NO SOL

“Ele enxerga tudo de uma outra forma” – foi o que os médicos disseram quando ele completou três anos. Fora diagnosticado cedo com um elevado grau de autismo, no entanto, o garoto parecia tão lúcido, rindo diante das tragédias, que ninguém podia diagnosticá-lo senão um médico, de fato.

A maneira que enxergava podia até ser chamada de “esquisita”, se alguém soubesse realmente o contrário disso. No colégio, o denominavam com diversos “adjetivos”: autista, idealista, ingênuo, demente, babaca, e muitos outros, mas ele simplesmente não escutava nenhum deles. Quer dizer, se escutava, ignorava, pois ninguém jamais vira o garoto se queixar de receber qualquer um desses títulos.

Alguns diziam que ele escutava o que queria escutar, outros diziam que nem isso.

“Ele escuta o que imagina escutar, e às vezes, por acidente, o que ouve de verdade”. – Era a teoria mais aceita.

Numa manhã comum de domingo, enquanto, na companhia dos seus pais, assistia a um programa de games na televisão, disse, de repente:

“Nossa, o relógio diz que já são catorze e vinte!”

Seus pais olharam para o horário exibido no modem da Sky e se chocaram ao perceber que estava correto. O garoto nunca havia acertado a hora. Embora tivesse aprendido, na escola, como verificar, sempre dizia ser a hora que quisesse que fosse.

"Ele está começando a ter um senso de realidade", disse a sua mãe. Seu pai vibrou, esperançoso.

Porém, não demorou muito para que o garoto retrucasse:

“Mãe, esse relógio está quebrado! Já escureceu e ainda são 15:20? E agora, como saberei que horas são? Devemos comprar outro. ”

Seus pais perderam toda a esperança que fora despertada, e, depois, voltaram a assistir televisão, enquanto o garoto contemplava toda a escuridão que via no sol.

FILOSOFIA DE BÊBADO

Era um dia de bienal do livro e, Heitor, que se divertia num bar em frente ao Centro de Convenções da cidade de Salvador, num encontro com alguns amigos que não via há tempos, decidiu ir àquele evento literário, logo depois.

Pediu um táxi e foi cambaleando. Quem sabe encontraria coisas boas? Gostava de explorar novos horizontes, era relativamente culto, e gostava de ler. Também costumava ouvir boas músicas brasileiras.

Gilberto estava sentado solitariamente num famoso café, que recentemente havia sido instalado na bienal, e, por coincidência, estava também um tanto grogue de álcool, quando Heitor se sentou ao seu lado.

“Que tá fazendo aqui, cara? Não parece estar num clima muito literário.” – Perguntou.

“Não sei.” – Respondeu Gilberto.

“A gente nunca sabe. Como se chama? ”

“Gilberto, e você? ”

“Heitor, prazer.” – Disse estendendo a mão em forma de cumprimento.

“Boa resposta, Gilberto. A gente nunca sabe de nada mesmo. Respeito homens sinceros.”

“Quer dizer, talvez eu saiba, mas é por saber que digo que não sei.”

“Argumente.” – Disse num tom sério.

“Por que eu estou aqui? Pelo mesmo motivo de estar no cinema no sábado, no show na sexta feira, no trabalho na segunda, ou numa viagem na quarta. Estou aqui, porque quero que algo faça sentido, quero estar em movimento. Não existe um só motivo. Só quero me forçar a viver, ainda que nada me estimule por inteiro.”

“Faz sentido. E isso te estimula de alguma forma?”

“Não.”

“Talvez tenha servido pra mim. Gostei de sua ideia. A partir de agora, já não me arrependo de ter vindo aqui. Estou vivendo algo que me acrescenta, você me parece um cara esperto, e eu gosto de suposições de caras espertos.”

“Obrigado, Heitor. Mas, me diga, não te dói existir?” – Perguntou Gilberto, num tiro.

“Me dói não saber o que sou. Existir não me basta, mas me parece sensato.”

“Ser não é existir. Se não existíssemos, não seríamos. Insano, não? ”

“Não sei de nada disso, só sei que eu temo a morte.” – Respondeu Heitor, evitando aquela viagem.

“Como assim? Todo o estilo de um homem está na morte. Ela é, ao mesmo tempo, o *grand finale* e a grande estreia.”

“Tenho medo da vida, ela é uma prisão a céu aberto. Eu me incomodo com a superficialidade também, mas, porra, o que eu tenho é medo da morte. Queria fazer algo para mudar isso antes que ela chegasse, a bendita morte... Entendo o que diz, mas por outro lado, acho o mundo tão perfeito... E como assim estreia?”

“Estreia. Ué!”

“Numa outra vida? E se não existir nada depois?”

“O grande adeus, a estreia do fim.”

Heitor ficou intrigado por alguns instantes, mas, depois de alguns segundos, disse:

“Hum! Você é mesmo interessante, Gilberto. Mas, se não teme a morte e, pelo contrário, a admira, quer dizer que não teme que sua ausência não tenha importância? ”

“Agora você me pegou. Não sei. Tenho em mim que entendo a morte. Me parece o motivo único da existência, além do nascimento. ”

“Ah! Eu entendo que a morte talvez seja gloriosa para um alguém que marcou algo em vida, alguém que quando morrer vai causar um impacto, talvez num público restrito, talvez no mundo, mas fora isso, não vejo a morte como gloriosa. Se você não fizer por onde, a morte pode ser tão fodida...”

“Mas até a morte mais fodida tem sua beleza. Como disse Schopenhauer a “dor é a melhor coisa que se pode ter, ela te faz conferir a sua consciência física e psicológica, e devia ser vista de forma positiva”. É como se na dor de uma morte fodida você entendesse tudo e não precisasse de mais nada. Mais que algum sentido, acredito que seja mais necessário que exista glória na morte.”

“Dostoiévski também gostava da dor. Esses caras, os russos, perceberam isso tão cedo...”

“E as pessoas, Heitor?”

“Quê que tem?”

“Que acha delas?”

“Sei lá, não gosto muito na maioria das vezes. Odeio falta de profundidade. ”

“Sei como é. Outro dia parecia que ouvia mais que antes. Acho que estou ficando ranzinza. Não consigo mais deixar de condenar o que escuto por aí. Me irritavam seguindo padrões.”

“Acreditam que existe algum padrão que é verdadeiro.”

Heitor sorriu.

“Exato! Não entendem que não existem verdades. Relatividade não é algo ignorável.”

“Ignorância também não devia ser.”

“Me irritam suas ideias preconcebidas, sem se perguntar ao menos um simples “por quê?”. Imagina se começassem a se perguntar coisas do tipo “por que isso é certo, e isso é errado”, “por que um homem amar um homem é indigno se nem sabem o que é o amor? Imagina só.”

“Me irrita quando almejam coisas sem sentido. Toda aquela restrição das mentes...”

“Não é esse o meu ponto, cara. Meu ponto é: a faculdade é uma instituição, sua loja é um negócio e sua casa é uma residência própria, porque alguém quis que fosse. É tudo sólido demais, é tudo concreto demais. E tudo só porque alguém disse que seria. Parece loucura, mas isso me deixa atordoado, às vezes...”

“Ah, cara! Antes tudo isso era uma espécie de direito inato para nós que formávamos grupos. Daí aconteceu a positivação do direito, que procurou fazer com que vivêssemos numa sociedade, criando normas fundamentais e tudo mais, o que tornou a universidade uma instituição, a casa uma propriedade, e que criou novas restrições para melhor convívio em espécie. Isso me parece um bom argumento. Você pode pensar que isso nunca fez parte do universo e que não deveria fazer. Você pode discordar, mas o mundo é da maioria. Você aceita o que quer, e respeita o que deve respeitar, ou o que acha que deve, se tiver estilo e bom senso.”

“Jovem, é tudo um teste do universo. Tudo que temos como verdade pode ser somente uma enorme coincidência, porque a verdade absoluta não existe. A glória existe, o medo existe, mas a verdade absoluta não.”

“Eu fico puto com essas coisas, Gilberto! Acho que nunca vou entender o mundo.”

“É aí que está o charme dele, Heitor! Ele não faz sentido, ele simplesmente é. Nós somos educados de uma forma positivista e cientificista, mas quando você viaja nas profundezas da existência, percebe que o sentido não é necessário.”

Aos poucos os dois sujeitos voltaram à sobriedade, e então, o efeito das suas bebidas se fora, restando somente o tédio das suas opiniões.

Heitor, bastante entretido, pausou rapidamente o diálogo, pediu um café, e continuou:

“Eu não quero o sentido. Só queria entender como tudo funciona, como tudo se formou. O sentido é só um algo mais.”

“Hum! Eu também gostaria. O existir me fascina.”

“É engraçado como estamos aqui e, do nada, seremos puxados para a vida normal. Amanhã, teremos obrigações, deveres e horários. Eu queria ser rico e ficar flutuando pelo mundo inteiro numa asa delta com motor potente e gasolina eterna.”

“Queria não me importar com motivos e necessidades. Queria que eu fosse minha melhor forma de entretenimento. Eu até luto para que consiga ser. É difícil, acredite. Mas como disse, talvez marcar alguma coisa seja importante.”

“Tenho que ir cara, foi um prazer te conhecer, mas sabe como é, tenho que ir...” – Se despediu Heitor.

“Igualmente... vai lá, pode deixar que eu pago a conta. O prazer foi meu.” – Finalizou Gilberto.

Heitor pensou em cometer suicídio naquele dia, mas não o fez. Escreveu uma carta, no auge da sua lucidez:

“Viver não me basta, e é por ter esse vazio no peito que parto daqui, de Salvador, rumo ao caminho da busca eterna pela glória, ao encontro do fim perfeito, esperando que assim entenda tudo o que nunca fez sentido”.

Seria um belo ponto final, se ele não mudasse de ideia e decidisse que seria melhor viver tentando quebrar paradigmas da sua mente. Passou a tentar apenas e tão somente fugir do concreto, assim como, a se encontrar em si mesmo. A morte se tornara para ele somente um detalhe que findava a vida.

Gilberto decidiu se esforçar para se tornar o mais marcante possível, e, a partir daquele dia, se dedicou a buscar o sentido da sua existência através de propósitos.

Os dois morreram tentando. Nunca mais se encontraram.

E ISSO DOÍA

Juca era apenas mais um daqueles caras comuns, que crescem idealizando os seus sonhos todos os dias, entretanto, ele era diferente numa singular perspectiva: seu sonho não se alterava, e enquanto todos mudavam seus objetivos dia após dia, ele apenas articulava da melhor maneira a sua pretensão. Queria, de qualquer modo, fazer seu maior e único sonho dar certo. Era tudo que pedia aos céus.

Sua única paixão sempre fora a leitura, e, por isso, passara a sonhar com a fundação da sua própria editora. Parecia um bom plano. Não precisaria ser subordinado a ninguém, e se deliciaria lendo cada original enviado.

Aos vinte e um anos, Juca escolheu um dos seus sobrenomes para nomear a sua futura editora, e registrou sua empresa no cartório, ainda sem perspectiva alguma em torno do amanhã.

Era algo bem simbólico. Algo que ninguém acreditaria que ele poderia tirar do papel. Todos os dias surgiam jovens com sonhos que se dissolviam. E, é claro, ninguém acreditava nele ou tampouco em sua editora. Mas ele acreditava, e embora muitos dissessem que aquilo não era nada, para ele, “nada” importava.

Juca não tinha lá muita grana para investir, e suas ideias tidas como superficiais o faziam ser tratado com desdém pelas pessoas do ramo. Suas coletâneas on-line não recebiam contos ou poesias para análise, e a editora, cujo endereço indicava sua casa, raramente recebia um original. Vez ou outra, quando recebia, o envio se dava via e-mail. Juca não tinha, em momento algum, o prazer de ler um original recém-saído de uma impressora.

Guido, seu amigo, um cara sensato e destemido, percebendo a situação utópica em que se encontrava Juca, ousou ter a coragem de dizer o que todos queriam dizer, mas que, covardemente, não diziam. E num dia qualquer em que se esbarraram, disse-lhe:

“Juca, cara, se toca! Ninguém dá a mínima para sua editora. Você não tem moral para pedir originais. Todos sentem como se pudessem cobrar de você para ter um original deles publicado, e não admitem serem submetidos a sua avaliação. Desista, é o melhor que pode fazer. Você não vai conseguir.”

Naquele dia Juca chorou a noite inteira, e no dia seguinte também. Chorou como chora um fracassado sem estilo nem classe, se entregando à própria derrota.

Qualquer homem comum e sensato teria desistido, no entanto, na manhã seguinte, ele sequer cogitou essa possibilidade. E se cogitou, não exprimiu nem para si mesmo a ideia. Resolveu fazer das palavras ditas por seu amigo a sua maior motivação. Não podia deixar que ninguém lhe dissesse que não iria conseguir. Era um idealista, mas não era burro. Sabia que na determinação pulsa vontade, e vontade é a única coisa que pode manter um sonho vivo.

Juca passou mais alguns anos tentando. E após quase uma década, na televisão, Juca comemorava a conquista do que tanto almejou.

Já adquirido sua editora certo respaldo, rezava para reencontrar seu antigo amigo Guido, que deixara de ver após mudar-se de Estado, em prol da editora.

Com este objetivo, resolveu fazer uma visita à sua cidade natal. Aproveitaria e visitaria seus antigos amigos e a sua família, com quem não mais mantinha contato frequentemente, para assim mostrar o seu sucesso.

Um dia após a sua chegada, Juca reencontrou Guido na rua. Louco para mostrar-lhe que estivera errado o tempo todo, e para provocar um sentimento de culpa e constrangimento no rapaz, falou:

“Ei, olha só, você estava errado! Estou morando em São Paulo, e a minha editora é bem-sucedida agora. Quem diria, hein?”

Guido sempre fora um cara desprendido de tudo e apenas sorriu ao ver o amigo, bem-sucedido, conquistar o que tanto almejou, ainda mais depois de tanta persistência. No fundo, ele sequer se importava.

Juca esperava ao menos um suposto gesto de surpresa do seu antigo amigo, mas, após aguardar alguns segundos a sua reação, ele apenas levantou os seus óculos escuros, e disse:

“Sabia que conseguiria, mas você precisava que eu dissesse aquilo para que tivesse determinação de fazê-lo.”

“O que quer dizer?”, indagou Juca, confuso.

“Você nunca perceberia que não seria fácil. Eu disse o que tinha de ser dito, e agora você conseguiu. Se fiz isso, é porque torcia por você. Você sabe, eu não tô nem aí para essas coisas... Mas, de qualquer maneira, fico contente por sua conquista, Juca.”

Juca parou, olhou nos olhos de Guido, e o observou bater levemente em seu ombro, como uma forma de cumprimento, partindo, então, após a resposta. Foi quando percebeu que, para Guido, pouco importava o seu sucesso, a sua fama, e até mesmo o contentamento anunciado fora apenas um ato respeitoso. Aquele ato consumado anos atrás não tinha sido um ato de ódio. Na verdade, aquele tinha sido um dos maiores atos de nobreza que Juca pôde vivenciar.

E depois de tantos anos sem deixar cair novamente uma lágrima sequer, no auge do seu sucesso, Juca, mais uma vez, se pegou chorando durante uma noite inteira. Chorava como chora uma criança ingênua ao perceber que errou.

Contudo, dessa vez, seu choro não significava derrota, tampouco fracasso. Ele chorava por carregar um sentimento de culpa ao sentir um misto de emoções. Uma miscelânea de felicidade, agradecimento e vergonha.

Juca tinha percebido que a frustração com a qual conviveu e que tanto odiou, fora o gesto mais nobre que já praticaram a ele, e isso doía.

A VIDA É UMA GRANDE PIADA, SÉRGIO SAMPAIO!

Estava saindo de casa, quando me peguei distraído com algo que, de repente, ficou confuso, embaçado e se dispersou na minha mente.

Levando em conta a constante situação ao mesmo tempo de pânico e ansiedade que costumava me encontrar, em decorrência dos diversos absurdos doentios os quais a sociedade impunha perante a mim, aquilo era, no mínimo, estranho. Mas, o fato é que eu andava pela rua, distraído e sem medo – o que era incomum ao meu dia-a-dia, e me parecia, ao menos até aquele momento, impossível, – quando, descendo a ladeira da minha rua, de forma habitual como fazia todos os dias em que ia ao ponto pegar o ônibus que me levaria até o trabalho, assisti, às cinco e quarenta da manhã, um bêbado cambaleante, cair de barriga para cima na calçada. Fiquei com medo de que desmaiasse, e desacelerei o passo para ver o que lhe aconteceria naquele instante.

Me aproximando do poste ao qual ele se apoiava, percebi que se virou de lado, demonstrando estar ofegante. Preocupado, fui em sua direção, verificar se o que acontecia podia se configurar como um surto de apneia ou qualquer situação que necessitasse de cuidados médicos, entretanto, ao chegar lá, notei que ele só estava chorando.

Perguntei se precisava de algo, e ele me respondeu que sim, mas que só uma pessoa poderia suprir a sua necessidade. Insisti, perguntando novamente se poderia ajudá-lo de alguma maneira, mas, ao invés de responder, caindo em prantos, ele começou a cantar, como um bom nordestino que sofre, que sente e que sangra por ter um coração selvagem.

De sua boca pulavam algumas palavras desconexas, porém, após prestar um pouco de atenção, consegui decifrar algumas das frases recortadas que saíam do seu peito. Ele dizia: *“Embora eu siga adiante, eu sempre fico onde ... passo sempre deixo um pedaço de mim...”*.

“Nossa, mas que bêbado de bom gosto!”, pensei, seguindo o meu caminho.

Ao entrar no ônibus, já esperava que surgissem diversos pregadores recitando versículos e ideias Deus sabe de onde, como todos os dias costumavam surgir, pois, estava acostumado com o sincretismo religioso brasileiro, contudo, aconteceu de um pedinte abrir uma bíblia, e começar a recitar, com ênfase: *“Suje os pés na lama e venha conversar comigo! Chore, esqueça o drama, e venha aliviar o amigo!”*. Achei que estava ficando louco, e talvez estivesse mesmo. De fato, a minha sanidade sempre fora uma enorme dúvida, mas não me importei e apenas sorri.

“É tudo uma enorme coincidência”, disse a mim mesmo, tentando me convencer de que aquele estava sendo apenas mais um dia curioso em meio aos sucessivos dias repetidos que antes aconteciam sem cessar. No entanto, não pude deixar de ficar encabulado quando o ônibus passou no penúltimo ponto antes do local em que ficava o edifício onde trabalho, e, no meio da multidão, uma moça que encostava-se sempre ao meu lado, na companhia de um celular tocando música eletrônica num volume elevado, pôs para tocar *“Não tenha medo não”*, a mesma canção de Sérgio Sampaio que o pregador recitara momentos antes.

Não pude deixar de me questionar: “puta que pariu, será que todo mundo virou fã do Sérgio Sampaio, ou o álcool da noite passada provocou em mim um efeito duradouro e positivo?”.

Meu olhar pasmo, refletido no retrovisor, denunciava o que sentia, e foi nesse momento que um homem alto, vestido com um terno elegante, percebendo o meu desconforto, se aproximou de mim, em meio à multidão do ônibus que naquele momento já estava socado de gente, e sussurrou: “*As pessoas são uns lindos problemas*”.

Aquilo foi demais para mim. No mesmo instante, me lembrei da mulher por quem eu costumava chorar, pensando, toda vez que escutava uma música triste, e de todas as relações pessoais que eu destruía, por amá-las demais e por não suportar o grau de complexidade que elas desenvolviam em minha vida. Comecei a ficar tonto nesse momento, assim como me sentia quando percebia que estava dentro de um sonho e caía de um precipício, antes de acordar com os pés balançando.

Foi quando notei que não estava acordado. Não estava no mundo real. Cogitei tentar me beliscar ou fazer quaisquer daquelas coisas que dizem que lhe faz acordar de um sonho, como pular de algum lugar alto, mas eu não queria sair dali. Eu habitava agora um mundo onde todos entendiam e escutavam Sérgio Sampaio, e já que estava há milhas distante da realidade, porque não poderia cogitar encontrá-lo ali? Ele só poderia estar no céu. E eu, onde estava? Estaria eu morto?

Bem, era um questionamento interessante, mas sonhos são sonhos, e quando há algo intrigante neles, este algo logo desaparece, como folhas num temporal. Vivo ou morto, decidi descer dali e desfrutar o que podia até mesmo ser o céu, chegando a pensar que talvez Deus estivesse me enxergando agora como *um simples carneiro no pasto*.

Tomei conhecimento do que estava acontecendo, e de um momento para o outro, me convenci a me entregar à ilusão que criei, ainda que não tivesse a menor ideia do lugar em que estivesse.

Minha consciência parecia estar reduzida, e tudo o que conseguia pensar era na onda em que entrei, que me fazia enxergar o mundo como se estivesse sendo guiado pelas canções do grande compositor do Espírito Santo. As pessoas, que todos os dias passavam por mim caminhando sem pretensões ou sequer propósitos, agora pareciam ter um universo inteiro dentro de si, dando àquelas que eu tinha o costume de ver, um aspecto de meros cordeiros pagando pecados. E eu me recordei delas sentindo uma enorme compaixão em torno da pequenez e ordinariedade que exalavam perante aquela terra de Sérgio Sampaio.

O mundo agora parecia brilhante, e todas as canções pareciam pôr os seus blocos na rua para que dançássemos. Na recepção do edifício, avistei uma moça morena de cabelos cacheados que exalava charme com seu andar incrivelmente atraente. Ela vestia uma camisa que estampava a frase “*eu tenho o dom de causar consequê-ncias*”, e cheguei a acreditar que tinha finalmente encontrado a mulher da minha vida.

E então um policial se aproximou e lhe deu um beijo na boca, o qual fez a mim, que já aprendera com um grande homem, que, para o sol brilhar, a lua há de ir para outro lugar, tomar outro rumo.

E eu, que sempre senti pavor de engratados, banqueiros, policiais, ou qualquer um que tivesse de usar uma farda, por conta do medo que sentia de ter de me tornar um deles um dia, agora sentia inveja de um deles, dentro da minha própria ilusão.

Adiantei o passo e peguei o elevador para a rádio em que trabalhava gravando entrevistas e *podcasts*. Um mundo de Sérgio Sampaio parecia perfeito, no entanto, as pessoas estavam consumindo-o em excesso, e assim como quase tudo na vida, percebi que Sérgio Sampaio podia ser nocivo em certas circunstâncias.

Consta que as pessoas tinham se tornado ácidas. Passaram a cuspir verdades cortantes em meus ouvidos, e nos de todos que respiravam também. Eram verdades que incomodavam, como sempre fazem

quando expressas.

Enquanto saía do elevador, no corredor, uma moça loira de blusa social encostou no meu ouvido e sussurrou: “*não me espere pra beber seu veneno*”. Eu teria sentido tesão, numa situação normal, mas, ao ver a seriedade dos seus olhos, que faiscavam ao dizer aquilo, um ar de pavor se instalou em meu corpo.

A porta do elevador se abriu, e senti vontade de correr como se estivesse numa crise de pânico. Tentei mesmo fazê-lo, porém, dois seguranças enormes me pararam e me carregaram em direção a um corredor escuro.

Senti medo e tentei reagir, gritar, ou até chutá-los de modo que me largassem. Entretanto, um dos seguranças apenas gargalhou com o meu chute, e sussurrou em meu ouvido – eles pareciam gostar de sussurrar – “*não tenha medo não*”.

Fiquei aterrorizado com o riso venenoso que ele expeliu após dizer-me aquilo, mas decidi imaginar que estava mesmo no céu, e que, talvez, Sérgio Sampaio estivesse assistindo a tudo isso num trono qualquer. Fechei os olhos e tentei me convencer de que estava apenas chapado ou coisa do tipo, até que consegui ouvir, dentro da minha cabeça, alguém cantando, lá no fundo: “*vem, não tenha medo, não tenha medo, não tenha medo, não*”. Eu poderia jurar que era Sérgio Sampaio cantando dentro de mim!

Quando abri os olhos e olhei para cima, tudo que podia ver era uma parede branca, tão branca quanto imaginam ser o paraíso. Escutei o barulho de gotas pingando, e percebi que eram provenientes do soro a ser aplicado em minha veia.

A embriaguez tinha me vencido na noite anterior, e talvez a injeção de glicose que tomara tivesse sido a responsável por me privar da amargura dos meus pesadelos. Talvez tivesse sido ela a culpada por adocicar os meus sonhos. Sim, sabia que tinha sido ela. E, neste momento, eu gargalhei. Começara a rir de tudo, porque, agora, eu estava acordado, e, mesmo assim, a voz dele continuava a ecoar em minha cabeça.

A vida é mesmo uma grande piada, Sérgio Sampaio. A vida é uma grande piada, meu amigo. *A vida é uma grande piada!*

O SUICÍDIO DE UM POETA QUE NÃO TEVE CORAGEM DE SE MATAR

Ser poeta no século 21 era uma coisa engraçada. A diversidade havia se expandido demais, e agora nos criticávamos, como uma maneira de fortalecer nossos egos, que variavam às suas maneiras enquanto mantínha-mos o preciosismo e a vaidade residindo em nossos versos.

Os que se tornavam mais famosos, tratavam de criticar somente os mais famosos que eles, afinal, se comparar às novidades, por melhores que fossem, os rebaixavam no meio literário.

Me tornei poeta por acidente. Já passava das duas da manhã e estava deitado sem conseguir dormir. Formado há mais de 2 anos em direito, após ter abandonado os cursos de administração e engenharia sem sequer um sinal de oportunidade para qualquer trabalho no ramo, sentia que tinha falhado em tudo que tentei, e, de repente, uma forte crise de ansiedade tomara conta de mim, de modo que nada pareceu poder me proporcionar uma boa noite de sono a partir de então.

Foi quando peguei o teclado do computador e proferi, através dele, gritos e ofensas a tudo que me incomodava, de uma forma ou de outra. Entre palavrões e palavras românticas e utópicas, mandei a minha insônia pro inferno, e logo tudo pareceu estar mais leve ao meu redor. Havia me tornado um poeta. Não precisava que ninguém soubesse ou me dissesse para que tivesse certeza. Se eu era um bom poeta, esta seria uma outra discussão.

Quando percebi que era agora um poeta e que a ânsia de imortalidade que a poesia instala em cada um de nós já ardia em meu peito, me perguntei "que diabos poderá me tornar eterno?". E, depois de muito ter lido, eis que tive uma genial ideia.

Analisando as citações e o apreço dedicados aos poetas e escritores que cederam à loucura ou ao suicídio, era simples alcançar o topo: eu só precisava cometer suicídio e deixar algo pelo que pudessem lamentar pela minha morte. Mas eu não queria morrer. Peguei uma folha de papel, escrevi alguns versos em tom de lamento altruísta (sabia que altruísmos falsos sempre consagraram heróis), e subi até o topo do edifício comercial mais alto da cidade.

Não demorou muito para que uma multidão se aglomerasse lá em baixo. Havia jornalistas por todos os lados.

"Ele vai pular", era o que eu não ouvia mas sabia que estavam falando.

Algumas pessoas insistiam com batidas na porta do terraço, mas eu havia fechado com um cadeado praticamente inquebrável, e só eu possuía a chave.

Após alguns minutos em que gerara um razoável furdunço pela cidade, soltei uma folha de ofício lá de cima. Nela havia versos heroicos, do tipo "morro em nome dos que choram nas filas dos hospitais/morro em nome daqueles que distribuem sorrisos e bebem lágrimas...".

Alguns repórteres se estapearam para pegar a folha, que parecia cair em câmera lenta. Um deles até derrubou uma senhora enquanto tentava alcançá-la. Tudo a partir de então seria apenas uma questão de tempo.

Cerca de duas horas se passaram e então a situação tomou as proporções esperadas. Suicídios são frequentes, mas há um quê de romantismo no suicídio de um poeta. O possível suicídio agora repercutia em todo o país. Nos principais canais de televisão, cobriam ao vivo cada movimento meu, e, a cada passo que dava no terraço, dezenas de jornalistas abutres se contorciam no topo de prédios próximos, em busca do clique com o melhor ângulo no salto.

"Coitado, poeta é bicho que sofre. Nem corno sofre tanto. Isso se o poeta não for também corno", "ele deve ter sido corno. Homem romântico sempre se mata por mulher". Era o que novamente não escutava, mas sabia que estavam falando.

Já podia imaginar uma porrada de poetas escrevendo poemas e citando o meu suicídio como resistência, ode à loucura ou até pura devoção à tristeza – sentimento tão gentil e inspirador –, porém, estava certo de que não queria morrer.

Após mais algumas horas, quando as pessoas esperavam com nervosismo e ansiedade o meu suicídio, me sentei com as pernas para a rua, e comecei a chorar. Teatralmente, é claro.

Um rapaz no helicóptero do corpo de bombeiros perguntou se podiam parar ali, e assenti. Rapidamente alguns bombeiros chegaram para me resgatar, e, quando me levaram até o chão, era evidente a expressão de piedade que todos sentiam. Um poeta que não teve coragem de cometer suicídio era algo terrivelmente triste. Estavam todos decepcionados.

É verdade que os poetas se consagravam através do suicídio, mas eu era diferente, eu achava o suicídio uma tolice, e me divertia com os absurdos que havia nos atos e os desejos das pessoas.

Passei duas semanas trancado em casa. Só saía para o mercado por ter a necessidade de me alimentar. Nesse tempo, recebi e-mails de diversas grandes editoras. Não respondi a nenhum deles. Não queria que soubessem como eu estava. Ainda não. Pesquisava meu nome no Google e lia nos blogs e nas redes sociais diversos poemas em torno do meu suicídio frustrado. Todos pareciam compadecidos à dor que eu estaria sentindo após ter falhado num ato tão triste. Por um poeta ter falhado num ato tão triste.

Os poemas escritos em minhas redes sociais eram agora compartilhados excessivamente a todo momento. Achei até engraçado quando vi um editor anunciando uma antologia chamada "a dor de um poeta que não consegue se matar", inspirado em mim.

Passadas as duas semanas, me manifestei nas redes sociais. Com muita humor e sarcasmo, contei que em momento algum pretendi cometer suicídio. Assumi que havia desdenhado da humanidade e provado um ponto: que o marketing consagra um poeta. Que os atos consagram um poeta, e não um poema. Irônico, não? Fui chamado de gênio e de insensível. Sabia que ambos tinham razão.

Foram muitas as gargalhadas proferidas por mim enquanto lia os poemas, é verdade, mas, após alguns meses, quando já razoavelmente reconhecido no meio acadêmico através das diversas interpretações que atribuíram à minha tentativa de suicídio, e, principal-mente, no meio popular, a culpa por não ter cometido suicídio, repentinamente, se instalou em minha mente, e começou a me assolar, como se algo me dissesse que eu tinha realmente falhado.

Pelo que me lembrava, sequer pretendia cometer suicídio, mas isso já não importava. Os poemas que li na internet, os quais antes pareceram tão engraçados, agora me assombravam, e logo não tive mais certeza se não me matei por ter planejado me tornar imortal através das manchetes ou por puro medo.

As ideias se confundiam em minha cabeça latejante, e a dor se instalara em mim de duas diferentes formas: através da frustração e da mentira. Teria eu planejado aquilo, ou fora tudo apenas um surto de um poeta que não teve coragem de se matar? Teria eu fugido da dor e assim falhado com o meu ofício de poeta? Os poetas mortos estavam agora me atormentando sem sequer se utilizar de versos. Eu não devia ter desdenhado deles. E tudo que me restou, foi a dúvida: terei eu falhado em tudo que fiz na vida?

Este era também um bom modo de me consagrar como poeta.

A MALDIÇÃO

Alberto, assim nomeado em homenagem ao escritor argelino Albert Camus, estava aguardando o início de um espetáculo de *stand-up comedy*, quando uma mulher que sentara ao seu lado o fitou com um olhar confessional, e disse-lhe:

“Ai! Que câibra nos pés...”

Hesitou diante da estranheza da frase nada ordinária que ouvira, e apenas respondeu o que a sua vó sempre lhe aconselhava quando sentia câibras na infância:

“Tem que comer mais bananas... É falta de potássio”. – A sua vó sequer sabia o que era potássio. Essa informação já era coisa sua, que se esforçara bastante nos estudos para se formar como médico, e conseguira.

“Que preguiça... Dormi o dia todo e ainda estou com sono”. – Respondeu ela, bocejando e desabando ali mesmo.

Se assustou com o repentino adormecer da moça, e, naquele momento, todos os instantes de humor que estavam por vir durante o espetáculo se tornaram então indiferentes para o médico.

Tentou acordá-la cutucando-a, falou em seu ouvido, verificou o seu pulso, e notou que, aparentemente, ela estava bem. Apenas adormecera.

“Deve estar muito cansada” – Disse a si mesmo.

Porém, quando se virou para o espetáculo, notou que o comediante estava sentado diante do palco. O rapaz, que costumava ser muito alegre e espirituoso, alegou, simplesmente, que não estava com vontade de se apresentar naquela noite.

“Então você não vai se apresentar?” – Perguntou um homem visivelmente perturbado.

“Poderia, mas prefiro que não.” – Respondeu o comediante barbudo.

E, para que sua surpresa fosse completa, apenas um pouco mais de meia dúzia de indivíduos, de um total de cerca de 150 espectadores, vaiou a manifestação do comediante. Todo o resto parecia assentir, sem compre-ensão ou bom senso tampouco, mas, por mera apatia.

Alberto voltou para casa pensativo e encontrou a sua esposa deitada, assistindo a um *talk-show* qualquer.

“Já jantou, amor”? – Perguntou.

“Não, não estou a fim.” – Respondeu ela, secamente.

“Que porra está acontecendo?” – Questionou-se Alberto, em voz baixa.

Comeu um prato de arroz com feijão e bife, guardado na geladeira desde o dia anterior, e foi dormir, ansioso para que o dia terminasse.

Após um despertar reflexivo, ansioso para viver mais um dia, Alberto se levantou, num pulo. Ainda eram cinco e vinte da manhã, e a sua mulher não estava na cama. Logo, concluiu, que ela tinha melhorado após ter descansado bastante na noite anterior.

No entanto, após chegar à sala, notou a mulher jogada no sofá, com a mesma roupa do dia que se

passou. Ela dormia com a boca aberta, e o seu celular descarregara em suas mãos.

“Amor, acorda, você está aí desde ontem, daqui há algumas horas tem que estar no trabalho!”.

Ela olhou para ele e apenas disse:

“Ah, já? Que preguiça”.

Se levantou quase rastejando, como um inverte-brado, e, sem a mínima vontade, ligou o chuveiro quente, enquanto Alberto batia a porta e saía para o seu trabalho.

“Mas que porra está acontecendo?” – Mais uma vez, ele se perguntou.

“Doutor Alberto, ainda bem que o senhor chegou! Está havendo um surto de uma doença muito esquisita por aqui. Diversos pacientes têm chegado por coerção de seus familiares e amigos, alegando indisposição, apatia, sono, e câibra nos pés. Estranho, não é mesmo? Câibra nos pés...”

Alberto arregalou os olhos, abriu as portas do hospital, e se deparou com dezenas de pacientes deitados nas cadeiras. Alguns preferiam o chão. Ninguém parecia ter pressa para coisa alguma. Ninguém o apressava para o atendimento – coisa rara num hospital.

Poucas vezes o hospital estivera tão cheio naquele horário da manhã. Escolheu, de forma aleatória, três dos pacientes que apresentavam os mesmos sintomas, e os chamou para atendimento, solicitando um exame de sangue completo para cada um deles.

Quando o laboratório expediu os resultados, para a sua surpresa, não encontrou nada significativo em nenhuma das análises apresentadas. E, para terminar de nutrir seu sentimento de debilidade medicinal, dos três primeiros pacientes que lhe trouxeram resultados do exame, dois apresentavam a quantidade de potássio recomendada – a do outro sujeito estava elevada, o que também deslegitimava o que aprendera com a sua vó.

Aflito, e prostrado por uma sensação de incapacidade, deixou os pacientes à espera e voltou para casa, curioso para assimilar os sintomas daquela arrebatadora doença. Pesquisou no Google, e, pela primeira vez, não achou nenhuma patologia que correspondesse à associação entre câibra nos pés, apatia e sono. Reme-morou todos os sintomas que já pesquisara durante a sua vida: dores de cabeça, febre, olhos vermelhos, erupções cutâneas, e lembrou-se que todas as vezes os portais indicaram uma dúzia de enfermidades indesejadas, como câncer, HIV, ou até mesmo gravidez... Aquilo só o deixava mais cismado e curioso.

Na semana seguinte, após o fato já exposto na mídia, cientistas da região nomearam a nova patologia como “A Maldição”, visto que a tal doença prostrara a capacidade de trabalhar e de viver dos mais admiráveis trabalhadores. A epidemia ainda não tinha levado a óbito um cidadão sequer, mas já era tida por muitos dos que ainda não haviam sido contagiados e ainda conseguiam se esforçar intelectualmente, como “o mal do século”, visto que, embora não tivesse matado, literalmente, um único ser, centenas haviam deixado de viver após adquirirem-na, num curto intervalo de tempo, e o número tendia apenas a aumentar, devido ao alto grau de contágio que ela parecia apresentar.

Artistas que produziam sua arte com fins comerciais cochilavam, e apenas alguns esquisitos, tidos como loucos, ainda escreviam, tocavam ou pintavam, alegando desconhecerem a doença. “É um vírus transmi-tido pelo bicho-preguiça, temos que exterminá-los!”, disseram os mais ignorantes, na internet.

Após uma semana de dúvidas não respondidas e evidente desinteresse dos profissionais do ramo em responder tais questionamentos, numa manhã de domingo, Alberto, que sempre se considerara um cara elétrico e com sede de novidades, sentiu uma forte indolência invadir o seu corpo. No mesmo instante, pôs algumas roupas na mochila, e se preparou para pegar a estrada. Não se deixaria contaminar. Precisava, em algum lugar, encontrar uma chama de vida. Não conseguia pensar enquanto todos pareciam estar mortos, ainda que respirando, e jamais aceitaria ceder ao comodismo.

Ao arrumar as suas coisas para partir, de repente, pensou sentir uma câibra no pé direito. Se

levantou para verificar: era engano.

O coração selvagem, a sede de viver, às vezes, são placebos muito eficientes, embora não comumente recomendados por especialistas.

O SONHO DE UM HOMEM QUE SENTE FALTA

Não sei dizer em que data aconteceu, mas, foi duro demais quando, pela primeira vez, percebi que um sonho contínuo, o qual vivenciara diversas vezes desde a minha infância, era somente um sonho, uma fantasia irreal no que tange ao concreto.

Como num sonho dentro de um sonho, lembro-me que sempre que me aborrecia, quaisquer que fossem as causas que motivassem tal aborrecimento, corria para aquela trilha atrás da minha casa, passava pelo areal, e dava de cara com um paraíso solitário e deserto, onde regenerava tudo que havia dentro de mim.

Isso se repetira diversas vezes durante todos os meus mais de vinte anos. No entanto, agora, num momento em que decidira ir lá mais uma vez, dessa vez na vida real, dei de cara com o fim de um grande sonho, que costumava se reproduzir em loops.

Era um caminho longo. A travessia durava cerca de uma hora e vinte minutos, tempo em que caminhava sem me cansar. No caminho, traficantes e contrabandistas fugiam, sempre de olhos alertas, ao tempo em que bandidos dos mais variados tipos se escondiam atrás das moitas.

Não havia polícia ou qualquer ameaça para eles, escondiam-se de si próprios, e talvez fosse por isso que eu andava com a mais completa calma. Pensava que quem se esconde não quer ser encontrado, e quem não quer ser encontrado, certamente não perderia o seu tempo me procurando.

Ainda assim, tinha certo receio de atravessar o longo caminho, porém, almejava tanto tal paraíso, que o caminho se tornara uma ponte necessária.

Tinha em mim que esse sempre fora um caminho comum ao meu dia-a-dia, para um local que sempre tivera que visitar no decorrer dos anos, contudo, agora, quando tudo caiu por terra, me dói não conseguir descrever perfeitamente, através de meras palavras, como era aquele lugar o qual cultivo imagens tão aparentemente recentes e sólidas em minha mente. Entretanto, certas características são impossíveis de se ocultar.

Havia aquele mar azul bem forte, cobalto cristalino, e um deserto imenso para todos os lados, com montes de areias tão brancos quanto uma folha de ofício. E em meio a isso, talvez umas três pessoas debaixo de guarda-sóis em diferentes extremos do lugar. Havia os ventos, tão fortes que balançavam os mares, o sol, e o mundo, mas que, sobretudo, não incomodavam. Pelo contrário, traziam uma paz de espírito que revigoraria o mais exausto maratonista.

Agora, aflito, rememorando toda a realidade que havia em minha quimera, consigo enxergar que aquelas pessoas que se esbarravam em mim no caminho, eram apenas um reflexo do meu medo, que me mostrava que somente solitário, ou com alguns entes queridos e próxi-mos ao meu lado, os quais vez ou outra foram àquele local me fazer companhia, poderia enfim me sentir em paz.

É bastante doloroso perceber que aquilo que sempre pareceu existir jamais fora real, porém, taciturno e devaneante, ainda consigo enxergar aquele lugar em minha mente, como uma miragem do que um dia existiu: o céu vermelho num eterno pôr-do-sol, as gaivotas em sintonia, o mar invadindo a areia como uma tsunami que não gera estragos, e um clima de serenidade extrema exalado pelo vento.

Nunca tivera uma memória tão sólida de um sonho, e agora, sob lágrimas de saudades, a vida me remete a ele, como aquele que um dia já existiu, mas, assim como tantos outros, fora reduzido a lembranças pelo peso da realidade.

Contatos do autor:

Email: matheus_peleteiro@hotmail.com

Facebook: [Facebook.com/matheuspeleteiro](https://www.facebook.com/matheuspeleteiro)

Notas

[← 1]
Referência a música “Masturbação mental” do rapper Gabriel, O Pensador.